EPAS 9129-

A OPOSIÇÃO SINDICAL METALURGICA DA BAHIA

cepas

A OPOSIÇÃO SINDICAL METALÚRGICA DA BAHIA

uma publicação do cepas - centro de estudos, pesquisas e assessoria sindical caixa postal 7003 pituba 4183t salvador - ba

Coordenação, pesquisa e redação: Equipe CEPAS

Composição e diagramação: Caria - tet.: 384 1064

Impressão e encadernação: Alemão - tel.: 24T 8866

Apoio: Fase - federação de órgãos para assistência social e educacional

O CEPAS é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, que tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento do movimento sindical na Bahia, particularmente através da produção e divulgação de uma literatura de formação sindical básica, acessível aos trabalhadores.

ÍNDICE

Apresentação	4
Capítulo I	
O Sindicato dos Metalúrgicos: pequeno histórico	5
Capítulo II	
As raízes da Oposição Sindical Metalúrgica na Bahia	13
Capítulo III	
O movimento operário a partir de 1978	22
Capítulo IV	
Acumulando forças até a vitória	28
ANEXOS:	
1. A batalha judicial	32
2. A perseguição patronal	39
3. Depoimento de Ed'Lauro Ferreira	46
4. Manifesto da Chapa de Oposição após vitória	
no primeiro turno	65
5. Cédula Única	66
6. Manifesto a população após vitória final	68

APRESENTAÇÃO

O CEPAS tem se dedicado a escrever sobre diversos momentos da luta operária na Bahia. Quando, em 1985, estávamos levantando os históricos das greves na CESMEL e na ACOS DO BRASIL, surgiu a idéia de elaborar uma pesquisa mais ampla, que cobrisse os aspectos mais interessantes da luta pela tomada do Sindicato dos Metalúrgicos, que esteve controlado pelos pelegos de 1964 até 1982.

Dificuldades diversas fizeram com que esse projeto fosse interrompido diversas vezes, embora sempre retomado. Aos poucos fomos reunindo materiais diversos, a exemplo de boletins e jornais da Oposição, bem como atas de reuniões, anotações pessoais e recortes de jornais da época. Aos poucos, também, foi possível reunir depoimentos de diversos militantes da Oposição, que atuaram em diversos momentos da luta. Entre eles: Benjamin Ferreira, Ed' Lauro Ferreira, Wilson Severo, Ivan Silva, José Carlos Sodré, Luiz Alberto Ferreira, Antônio Alberto "Leguelé", Clemildes Nunes e Almerindo Ferreira.

Finalmente, neste ano, contando com o apoio da FASE, foi possível a conclusão do trabalho, que ora levamos a público. Claro que, nos limites da investigação que conseguimos efetuar, não foi possível esgotar o assunto, ficando o presente trabalho como subsídio para investigações posteriores. Como referência bibliográfica, vale citar o trabalho de Maria José Soares, intitulado "Sindicalismo Operário na Região Metropolitana de Salvador: o Caso do Sindicato dos Metalúrgicos" (UFBa, março/83).

Queremos aqui deixar registrado o nosso agradecimento aos companheiros metalúrgicos acima citados, bem como a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, tornaram possível a reconstituição histórica dessa importante experiência de luta dos metalúrgicos baianos.

Salvador, dezembro de 1991

Equipe CEPAS

1. O SINDICATO DOS METALURGICOS PEQUENO HISTÓRICO

O embrião do atual Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia foi a "Associação Profissional dos Trabalhadores Metalúrgicos da Cidade de Salvador". Esta Associação foi criada no inicio do ano de 1919, pelos operários das oficinas da CIA. DE NAVEGAÇÃO BAHIANA.

Estado de economia essencialmente agrícola, centrada na lavoura cacaueira, o processo de industrialização na Bahia e, consequentemente, de aparecimento de organizações operarias, foi lento. As poucas indústrias que se instalam aqui, até a década de 40, eram quase todas de subsistência. Destacam-se pequenas indústrias de transformação de produtos agrícolas regionais, sobretudo alimentos e têxteis.

Em meio a uma incipiente industrialização, as associações operárias na Bahia eram também incipientes. Mas já se verificavam manifestações de insatisfação com a situação de dificuldades em que se encontravam os trabalhadores em geral.

Em maio de 1919, houve uma greve geral em Salvador, iniciada pelos operários das indústrias têxteis, que chegou a envolver todos os setores trabalhistas da cidade. A reivindicação básica era Jornada de trabalho de 8 horas. O movimento durou vidros dias e só terminou quando os patrões das indústrias de fiação e tecelagens asseguraram aos operários a Jornada de 8 horas, o reconhecimento das associações operárias e a não punição aos grevistas. Por decreto do governador, a Jornada de 8 horas foi estendida aos estabelecimentos industriais e oficinas pertencentes ou subvencionada pelo Estado.

Na época desse movimento, os operários das oficinas da NAVEGAÇÃO BAIANA estavam com os salários atrasados. O descontentamento era grande e os operários já discutiam a necessidade de criação de uma associação para lutar contra os abusos dos patrões. No dia em que estorou a greve, um grupo de operárias da fábrica de Tecidos da Penha invadiu as oficinas da NAVEGAQAO BAIANA, conclamando os presentes a tambem decretarem greve. Os operários aderiram.

Acabada a greve e conquistada a Jornada de 8 hs., o pessoal das oficinas e estaleiros resolveu continuar parado até que os salários atrasados fossem pagos. Mas, durante o movimento paredista, já haviam decidido formar uma Associação. Isto se consumou logo após o termino da greve, na casa de um dos operários, no bairro de Massaranduba. Esta mesma casa passou a ser a sede provisória da Associação.

Portanto, a Associação dos Metalúrgicos não surgiu de uma iniciativa paternalista dos patrões. Surgiu por iniciativa dos próprios operários, em meio a uma crise, caracterizada pela luta de uma parcela da categoria em duas frentes: 1) a bandeira de luta pela Jornada de 8 hs., comum aos grevistas de 1919; 2) a luta específica dos trabalhadores da NAVEGAQAO BAIANA, pela atualização dos seus salários em atraso. A vitória nestas duas frentes certamente marcou a trajetória da categoria.

O ENQUADRAMENTO

Desde a sua fundação até por volta do início dos anos 30, a Associação dos Metalúrgicos viveu, como todo o sindicalismo brasileiro, um período marcado por um clima de transição e reorganização da política sindical. Foi uma época de intensa repressão policial contra os sindicatos operários, na qual centenas de operários foram presos e torturados. Dentro do movimento, passava a ocorrer uma crescente divisão entre anarquistas, católicos e comunistas. O sindicalismo brasileiro chega às portas da década de 30 completamente destroçado pela repressão policial, pela crise econômica e pelas divisões internas.

Em 1932, Getulio Vargas larga o seu plano de controle sobre a classe operaria, criando sindicatos oficiais. A partir daí, as associações sindicais livres das décadas passadas são paulatinamente destruídas e enquadradas na legislação sindical oficial. Desaparece gradativamente o caráter operário destas organizações e começam a surgir os sindicatos estatais, atrelados ao Estado, como se conhecem nas décadas seguintes.

Na Bahia, por força dessa política, surge o "Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Metalúrgica, mecânica e de Material Elétrico da Cidade de Salvador", como resultado do enquadramento oficial da antiga Associação dos Metalúrgicos. Mas a sua descaracterização como organismo de luta não se dá de imediato.

Em 1933, o Sindicato participa da criação de uma central sindical regional, a UNIÃO SINDICAL DA BAHIA. Esta entidade se manteve precariamente ate 1937, quando foi completamente liquidada pela repressão do ESTADO NOVO.

Ainda em 1933, o Sindicato participou de uma importante greve ocorrida aqui. Tratou-se da "greve por 1 tostão", iniciada pelo "Sindicato dos Transportes, Telefone,. Forca e Luz da Cidade de Salvador", criado em 1932, e que hoje é o atual Sindicato dos Eletricitários. Os grevistas reivindicavam 1 tostão de aumento nos seus salários, como previsto no contrato de encampação dos serviços de energia e bondes pelos americanos, ocorrido em 1929. A recémfundada União Sindical coordenou a adesão de vários outros sindicatos e, durante os três dias que durou a greve, a cidade ficou praticamente paralisada. O movimento resultou vitorioso, sendo o aumento pago retroativo a 1929.

A partir de 1935, iniciou-se um longo período de total repressão sobre a classe operaria. Em 1937, com o golpe de Getulio e a instalação do ESTADO NOVO, as principais lideranças sindicais do país foram presas. Somente em 1945, com a "redemocratização" de Vargas, é que se dá um afrouxamento da pressão sobre os sindicatos e partidos de esquerda. Neste ano, o PCB sai da ilegalidade e passa a influenciar o movimento sindical. Mas isto foi marcado pela submissão dos comunistas a política do governo. Já antes da redemocratização, o PCB vinha liderando o apoio ao ditador Vargas, em troca da anistia e da tolerância do governo a sua atuação nos sindicatos.

Contudo, esta fase de abertura política teve vida curta. Já em 1947, acompanhando mudanças da situação internacional, o governo DUTRA desencadeia a repressão sobre o movimento operário. O PCB volta a ilegalidade e as organizações sindicais sob sua influência são fechadas ou sofrem intervenção.

Como ocorreu com cerca de 140 sindicatos espalhados pelo país, o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia também foi alvo da intervenção governamental em 1947. O Sindicato nesta época era presidido por um operário da Navegação Baiana. Para interventor, foi nomeado um funcionário do Ministério da Fazenda, de nome José Bastos, que tomou posse ao som de uma banda de musica do 19°BC.

Após a intervenção, o Sindicato passou a existir apenas formalmente. Apesar da categoria já contar com cerca de 5.000 profissionais, as assembléias eram feitas com o comparecimento de 5 a 10 associados,

em média. O esvaziamento das assembléias era resultado das constantes ações das forças repressivas, expulsando das assembléias os operários que reagiam as arbitrariedades de João Bastos. A intervenção durou 8 anos terminando em dezembro de 1955.

O SINDICATO SOB A DIRECAO DE JOAO DOS PASSOS

"Diziam que eu era comunista. Sempre confirmei isso, mas também sempre afirmei que não admito um partido dominar um sindicato". (João dos Passos)

Em 1982, quando a OPOSIÇAO SINDICAL METARLURGICA se preparava para concorrer as eleições sindicais desse ano, suas lideranças resolveram prestigiar um histórico líder sindical baiano. Foi assim que a chapa da OPOSIÇÃO recebeu o nome de "CHAPA JOAO DOS PASSOS", conforme relembra Wilson, ex-diretor do Sindicato dos Metalúrgicos:

"A retomada do Sindicato em 1982, depois de 18 anos de intervenção, era um momento histórico na vida da categoria metalúrgica baiana. Resolvemos prestigiar João dos Passos, pelo que ele representou no movimento sindical na Bahia. Nessa época, ele se encontrava completamente esquecido. Descobrimos o seu endereço, fomos procurá-lo e abrimos espaço para a sua participação na nossa campanha".

João dos Passos, falecido em novembro de 1988, foi um dos poucos ex-lideres sindicais que viveram as diferentes fases do movimento sindical no Brasil. Como operário ainda conheceu a fase do sindicalismo livre e combativo, da época da antiga Associação dos Metalúrgicos. Como ativista sindical, assistiu a destruição das organizações sindicais livres e a implantação dos sindicatos atrelados, no decorrer da década de 30. Manteve a sua militância no movimento sindical até o golpe militar de abril/64.

João dos Passos iniciou-se como metalúrgico nas oficinas da NAVEGAQAO BAIANA. Em 1937, foi preso peta primeira vez, durante a repressão do ESTADO NOVO. Na fase em que o Sindicato ficou sob intervenção, iniciada em 1947, João dos Passos passou a comandar a oposição ao interventor. Em 1953, numa armadilha preparada por

José Bastos, foi preso na sede do Sindicato e conduzido a Secretaria de Segurança, onde foi barbaramente torturado. Devido a estas torturas foi perdendo a visão até ficar quase cego.

Em dezembro de 1955, a intervenção no Sindicato chega ao fim. Na eleição sindical desse ano, concorre uma chapa única, que é eleita com 25 votos. Como um dos componentes da chapa não pode assumir por motivos de doença, uma assembléia da categoria indicou o nome de João dos Passos para preencher a vaga. Em dezembro/58, houve novas eleições sindicais, sendo eleita a chapa encabeçada por João dos Passos, por 58 votos contra 10. Nas eleições sindicais de 1961, Passos se encontrava ausente, em visita a União Soviética e países da Europa. Mesmo assim foi reeleito para a presidência do Sindicato.

Nesse período, a economia baiana começa a passar por importantes transformações, com investimentos do governo federal e estadual em obras de infra-estrutura e, principalmente, com o inicio da exploração e refino do petróleo. O setor de transformação foi ampliado, sobretudo nos ramos metalúrgicos, mecânico e de minerais não metálicos. Também se deu a expansão do setor químico e da construção. Mas estas transformações não foram acompanhadas de um avanço da consciência política e do nível de organização da classe operaria baiana. A nível nacional, desenvolvia-se um novo ascenso do movimento operário e sindical, dentro de um clima de relativa liberdade, que se prolonga até 1964. Na Bahia, o eixo do movimento sindical concentra-se entre os trabalhadores do petróleo. Os demais sindicatos, incluindo o dos metalúrgicos, aparecem principalmente nas articulações de cúpula. A política que passa a prevalecer nesta fase do movimento operário brasileiro é marcada pela ideologia do populismo. Nesta política não se distinguem as duas classes antagônicas, burguesia e proletariado, ao tempo em que a direção político-ideológica do movimento fica nas mãos da burguesia nacional. É dentro desse clima que se desencadeia as grandes lutas antiimperialistas, como a campanha de "O PETROLEO É NOSSO". Durante toda a década de 50, as esquerdas, lideradas pelo PCB, participam cada vez mais desse clima populista, destruindo a ideia de luta de classes e deixando a classe operaria desnorteada. Isto se intensifica no inicio dos anos 60. quando o populismo atinge o seu auge, com as bandeiras de luta pelas "reformas de base", cujo desfecho é o golpe militar de 1964.

Assim, apesar de toda a agitação e mobilização política do período,

não avançou a consciência política da classe operaria. O grande dinamismo do movimento sindical estava calcado principalmente nas articulações das cúpulas sindicais, que não se preocupavam em desenvolver o trabalho de base. O resultado foi uma fraqueza muito grande das organizações da classe operaria, além da consolidação da estrutura sindical oficial, através de líderes do tipo pelegos-reformistas, que se incrustaram na burocracia sindical.

João dos Passos, embora um batalhador incansável no meio sindical, foi também um representante dessa política no movimento operário baiano. Assim, apesar do seu crescimento numérico, a categoria metalúrgica não cresceu politicamente, durante esse período em que Passos esteve a frente do Sindicato. Segundo seu próprio relato, a sua participação na direção sindical de dezembro de 1955 e o lançamento de sua chapa nas eleições de 1958 foram mais fruto de rnanobras de bastidores do que de uma tomada de consciência da categoria.

Por volta de 1958, a categoria já contava com cerca de 6.000 operários e o numero de sindicalizados não ultrapassava 120. Segundo Passos, após as eleições sindicais de 1958, foi desenvolvida uma intensa campanha de sindicalização, que um ano depois resultou no aumento do numero de sindicalizados para 1.250.

Mas, afora algumas greves gerais e manifestações comandadas a nível nacional pela CGT, foram insignificantes as lutas especificas da categoria neste período. As mais importantes que se tem registro situa-se em 1961/1962, já num momento em que a classe operaria brasileira estava reivindicando aumentos salariais cada vez mais freqüentes, em conseqüência da inflação galopante. Nesse período, segundo o próprio Passos, houve uma greve na BELMONTE e outra na CESMEL, por aumento salarial. Também se registrou parada na LAMINAÇÃO BAHIA S/A, para forçar o cumprimento do acordo salarial. Em 62, a categoria parou durante dois dias reinvidicando aumento de 100%. Houve ainda uma greve na STIEL, pela conquista do 13° salário.

DEPOIS DO GOLPE MILITAR: MANOEL DOS SANTOS

"Se ser pelego é defender com ardor os interesses da categoria, eu continuarei sendo".

(Manoel dos Santos, J.B., 11/10/79)

Em marco de 1964, o Sindicato contava com cerca de 1.600 associados. Neste mês, houve uma assembléia na sede do Sindicato, oportunidade em que foi eleita uma delegação para o II Congresso dos Metalúrgicos do Brasil. Compareceram cerca de 200 associados. Por indicação de Joao dos Passos, foi incluído nesta delegação um personagem at6 entao desconhecido na categoria. O seu nome era Manoel dos Santos.

Em 31 de marco de 1964, o pafs amanheceu sob um clima de incertezas: notícias desencontradas davam conta do andamento de um golpe militar. Já no dia anterior um dirigente da CGT, em transíto pela Bahia, havia comunicado às lideranças sindicais que o golpe estava em marcha. Contudo, nada se tinha a propor como alternativa para a resistência. A realidade do golpe militar fez ruir as ilusões reformistas, deixando a nu a falência da política até então praticada. Desarmado por suas lideranças, o proletariado foi rapidamente esmagado pelo golpe militar.

Na noite de 31 de março de 1964, Joao dos Passos nao dormiu em sua casa. Pela onda de boatos que corria, ele estava marcado para ser preso e morto. Nesta mesma noite, as forcas repressivas cercaram e invadiram a sua casa. Mas Passos nao foi encontrado. Ele já desencadeara um esquema de fuga para o exterior, de onde só retornou por volta de 1969.

No dia 1° de abril de 1964, as forcas repressivas invadiram o Sindicato dos Metalurgicos. Os bens encontrados na sede foram saqueados ou confiscados. Todo o acervo do Sindicato foi danificado. Segundo Joao dos Passos, foi roubada a quantia de Cr\$ 150.000 que se encontrava em caixa.

Na Junta Interventora nomeada posteriormente pela DRT para dirigir o Sindicato, emergiu imediatamente a figura de Manoel dos Santos.

Quando começou a frequentar o Sindicato, antes do golpe de abril, Manoel dos Santos era um ajudante de batedor de prego, da FABRICA DE PREGOS ROMA. Alguns sindicalistas opinaram que, desde esta época, ele já era manipulado pelos ôrgãos de repressão para vir a controlar o Sindicato. Assim, teria se aproximado de João dos Passos, conseguindo a sua inclusão na delegação baiana que iria ao Congresso dos Metalurgicos. Outros acham que Manoel dos Santos era uma "cria" do João dos Passos, que planejava cooptar Manoel mais adiante. Mas ha também a versão de que ele não passava de um inexperiente e cuja conduta até as eleicões sindicais de 1966 não chegou a comprometê-lo.

O certo é que Manoel dos Santos permaneceu na direção do Sindicato por 18 anos seguidos, sempre reeleito com chapa única. Em 1982, quando foi desalojado do cargo, o seu conceito na categoria era o de um "pelego" da pior espécie. Mesmo assim, foi nomeado juiz classista, função que iria ainda acumular com o cargo de Vice-Presidente da "Federação dos Trabalhadores na Indústria da Bahia". Manoel dos Santos faleceu em setembro de 1987.

É esta fase da vida sindical dos metalúrgicos baianos que será objeto dos capítulos seguintes deste Caderno.



2. AS RAÍZES DA OPOSICAO SINDICAL METALURGICA NA BAHIA

As oposicoes sindicais surgem no movimento sindical brasileiro depois do golpe de 64. Foi uma das formas de organização criadas pelos operáios combativos dos centros industriais mais desenvolvidos e que depois se generalizou no país inteiro. Entre os metalurgicos baianos, essa experiência toma corpo em 1979, quando surge formalmente a OPOSIQAO METALURGICA DA BAHIA (OSM).

O MOVIMENTO OPERÁRIO SOB A DITADURA MILITAR

O golpe militar sufocou o movimento operário no Brasil inteiro. A repressão se abateu sobre os trabalhadores de formas: intervenção nos sindicatos, prisões de todas liderânças, cassações. A Lei de Greve ficou mais dura: Lei 4.330, de julho de 1964. O que possibilitou esta derrota foi a falta de uma sólida organização dos trabalhadores. O sindicalismo na fase anterior a 1964 era um sindicalismo de cúpula, dirigido de cima. As decisões nao vinham das bases, mas sim da cabeça das liderânças, que atrelavam o movimento aos interesses das facções políticas e ao jogo da luta parlamentar. Com a neutralização do movimento operário, as classes dominantes estavam em condições de por em prática o seu plano para superar a crise econômica. Um dos pilares deste plano foi a Lei 4.725, mais conhecida como LEI DO ARROCHO SALARIAL. Através desta os reajustes salariais passaram a ser decretados anualmente pelo governo e sempre abaixo da inflação.

Logo surgem os primeiros sinais de resistência dos trabalhadores contra as consequências do arrocho salarial. Em 1968 ocorrem as greves de Contagem (Minas Gerais) e Osasco (S. Paulo), que repercutem nacionalmente. Esses movimentos foram esmagados pela repressão, mas os grevistas de Contagem arrancaram um aumento de 10% que foi posteriormente estendido a todo o país como "abono de emergencia".

Nos anos seguintes, a luta nunca cessou inteiramente, mesmo com o recrudescimento da repressão após a decretação do Ato Institucional n° 5, em dezembro de 1968. Mas confrontos abertos como Contagem e Osasco só voltariam a ocorrer 10 anos depois, em 1978. Até lá, as manifestações de resistência contra as condições de vida e trabalho impostas aos trabalhadores, tomam a forma de "operação tartaruga", pequenas lutas nas fabricas e paralisações isoladas.

O período entre as greves de Contagem e Osasco até os grandes movimentos grevistas iniciados em 1978 pode ser tornado como uma fase de revisão crítica e de acumulação de forcas do movimento operário. É uma fase de crítica da prática sindical de antes de 1964, de florescimento de novas formas de luta e de organização dos trabalhadores. Isto se deu num quadro de grandes dificuldades e de violenta repressão policial-militar.

A prática que mais deu frutos a prazo foi a dos grupos de base, que desde 1965 se reuniam nas paróquias operárias, nos bairros e, ao mesmo tempo, atuavam nas fábricas e intervinham nas assembléias dos sindicatos, mesmo naqueles sob intervenção ou dominados por pelegos. Foi nesta prática que se forjaram concepções de luta e quadros dispostos a levá-las a prática. Através desse trabalho miúdo e escondido, o movimento garantiu a sua continuidade.

Importante lição que se começou a tirar foi a necessidade da organização dos trabalhadores em seus locais de trabalho e moradia. Isso os grupos políticos mais conseqüentes passaram a defender. A proposta de organização de COMITES DE EMPRESA começa a ser assumida por grupos e setores da classe operária e, tentativas são feitas de levá-la a prática sob diferentes formas. Mais tarde, esta proposição ressurgiria sob a forma de COMISSOES DE FABRICA.

Fruto também desse período é a experiência das oposições sindicais. Foi uma forma de aglutinação que as lideranças operárias criaram para enfrentar as diretorias pelegas que se incrustaram nos sindicatos. Inicialmente, eram grupos de operários combativos organizados numa chapa de oposição, a época das eleições sindicais. Mas em geral se transformavam em movimento com vida própria, unificado em torno da denúncia da estrutura sindical atrelada.

Pioneira nesse terreno foi a Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, surgida em 1968 no eixo S. Paulo - Osasco. A sua proposta principal não se limitava a questionar as direções pelegas, mas sim a busca de um novo projeto sindical para o Brasil. Esta oposição veio a ser um centro de irradiação para muitas organizações semelhantes no resto do pafs.

PRIMEIRAS TENTATIVAS DE ORGANIZAÇÃO DOS METALURGICOS, NA BAHIA

O soerguimento do movimento sindical na Bahia no período pós-golpe militar, foi um processo lento e demorado. Até a década de 60, a concentração operária mais significativa na Bahia situava-se entre os trabalhadores do petróleo, organizados em 2 grandes sindicatos: o SINDIPETRO e o STIEP. Outras categorias muito atuantes até 64 eram os marítimos e os ferroviários. Estas categorias foram inteiramente desmobilizadas com o golpe militar. Os ferroviários mais ativos, por exemplo, foram redistribuidos por outras regiões e os trabalhadores do petróleo sofreram brutal repressão.

Entre os metalurgicos, pesava a ausência das grandes concentrações operárias e a pouca tradição de lutas. O setor metalúrgico era constituído de varias indústrias de pequeno porte, espalhadas nos bairros periféricos da cidade. A prática sindical cupulista da fase anterior ao golpe militar não contribuíra para a elevação da consciência política da categoria.

Em 1 964, a intervenção no Sincidato dos Metalurgicos, as prisões e a dispersão dos ativistas sindicais, deixou a categoria sem rumo e sem direção. Pouco ou quase nada existia em termos de trabalho de base, dentro das fábricas, para garantir a retomada das lutas.

Em 1966, sao convocadas eleições sindicais. No Sindicato dos Metalurgicos inscreveu-se uma única chapa, organizada pelo então interventor, Manoel Santos. Após uma eleição manipulada, sem nenhuma participação das bases, a chapa é empossada, com Manoel Santos na presidencia. Por volta dessa época, um pequeno núcleo de militantes já vinha tentando se articular para levantar a categoria em torno de suas reivindicações mais sentidas. Entre outros, este nucleo era composto por:

- Pereirinha, torneiro, atualmente atuando nos meios sindicais de São Paulo, foi candidato a deputado estadual pelo PT em 1982.
- Nemesio, encarregado de manutenção da FNV (atual ENGEX).
- Djalma, da EQUIPETROL, hoje vivendo na França.
- Benjamin, mecânico, candidato a deputado estadual pelo PT em 1982, diretor do Sindicato dos Metalurgicos na gestão 82-85.

As condições em que esse núcleo atuava eram as mais adversas, conforme relembra Benjamin:

"É preciso lembrar que nesse período a briga era de foice no escuro. Além de não se contar com o Sindicato, a categoria não tinha tradição de luta e era dispersa. A repressão era violenta. Era muito sério. A gente tinha que se reunir clandestinamente e nem sequer assumia o nome de Oposição. Só para recordar, em 66/67, o Ministro do Trabalho era Jarbas Passarinho, e a repressão procurava garantir o arrocho a qualquer custo".

Inicialmente, o grupo procurou se incorporar aos trabalhos do Sindicato, numa tentativa de soerguê-lo:

"Num primeiro momento, a gente achava que havia possibilidade de trabalho no Sindicato, mesmo com uma diretoria dominada pelo Manoel Santos. Achávamos que ele era um inexperiente como sindicalista e as suas "qualidades" de pelego ainda não tinham ficado claras. Partimos para incentivar a categoria a freqüentar o Sindicato e a comparecer as assembléias. Ao nível do trabalho localizado, trabalhávamos para quebrar o medo de alguns e o desinteresse da maioria pelas questões sindicais".

Ao perceber que esses militantes estavam capitalizando as atenções da categoria, principalmente nas assembléias, o presidente do Sindicato começou a reagir com métodos antidemocráticos, entre eles a recusa em cumprir as deliberações coletivas. "Aqui mando eu" passou a ser característica de sua atitude. Esse comportamento se aprofundou cada vez mais, chegando a perseguição aberta aos operários que lhe faziam qualquer tipo de oposição.

As condições adversas de atuação, entre elas as atitudes da diretoria do Sindicato, possibilitaram ao mesmo tempo as bases para a unificação do núcleo oposicionista, conforme relembra Benjamin:

"As atitudes duvidosas do Manoel Santos, fez surgir entre nós a idéia da gente se reunir e fazer oposição sistemática à diretoria do sindicato. O núcleo que então se formou era constituído por pessoas que vinham ou tinham ligações políticas diferentes. Tinha pessoas originadas da POLOP, da AP, do PCB. Estas pessoas tinham posições políticas diferentes e divergiam em vários pontos. Mas as adversidades eram tão grandes que a gente conseguia uma unidade a nível da condução do movimento".

Assim, a despeito das condições em que atuava, o núcleo conseguiu desenvolver muitas ações réivindicatórias e implantar as raízes da idéia oposicionista. Dentre as lutas de fábrica desse período - a maioria em torno de reivindicações elementares - destaca-se a paralisação ocorrida na EQUIPETROL, em 1967. Nessa greve, que durou 2 dias, os operários conseguiram um aumento de 100%, contra o reajuste oficial de 20% decretado pelo governo. Em 1968, houve também uma paralisação na MAGIRUS DEUTZ, na qual os operários exigiram aumento de 100% e o reconhecimento da Comissão de Fábrica. Houve ainda ações na BRASQUIP e outras fábricas.

A necessidade do trabalho de base e de organização dos operários dentro das fábricas, foi outro aspecto encarado com seriedade pelo núcleo oposicionista nessa fase. A proposta organizatória básica levada à prática foi a de organização de Comitês de Empresa.

Face à repressão desenvolvida pelos patrões e pelos órgãos de segurança, os Comitês eram organizados clandestinamente dentro das fábricas. Eles aglutinavam os operários mais ativos e dispostos, que se reuniam com todo o sigilo na hora do almoço ou em botequins no fim do expediente. As vezes, as reuniões eram feitas fora da fábrica, na casa de um dos componentes do Comitê. Prossegue Benjamin:

"Os comitês tinham uma forma bem diferente das Comissões que surgiram posteriormente, como as da FLOXOMAQ e AÇOS DO BRASIL, que foram criadas por iniciativa dos patrões. Eram diferentes também das atuais, que possuem estatutos, são legalizadas e seus membros têm estabilidade garantida em acordos coletivos"

"Os comitês tinham que se organizar clandestinamente, para poder existir. A questão da segurança era encarada com muita rigidez e seriedade. Eram organismos clandestinos mas existiam e estiveram à frente das principais lutas travadas pela categoria. A coordenação desses grupos era bstante dificultada pelas questões de segurança, mas também existia precariamente".

O Comitê levantava dentro da fábrica desde as questões mais secundárias, como a denúncia da péssima comida servida nos refeitórios, reinvidicação de equipamentos de segurança, transporte etc, até operações tartaruga e paradas como a da EQUIPETROL e outras. Nas negociações salariais e ações de maior peso, parte do pessoal do Comitê passava a ter uma atuação mais aberta, constituindo uma Comissão para conduzir as negociações.

Um dos primeiros comitês a ser organizado foi o da EQUIPETROL, em 1966. Após a greve de 1967 nesta fábrica, parte do pessoal desse comitê foi demitida. Alguns foram trabalhar na MAGIRUS, onde também criaram um comitê. Organismos semelhantes surgiram também na CESMEL, BOSCH, BRASQUIP e outros locais. De certa forma, esses grupos de fábrica tiveram a sua difusão forçada pelas demissões e pela intensa rotatividade de mão de obra praticada pelas empresas, principalmente as de maior porte.

Havia ainda muitas dificuldades materiais:

"Sem contar com o Sindicato, tínhamos que buscar apoio em outras entidades, como o SINDIPETRO e entidades estudantis. Este apoio era necessário principalmente para rodar boletins e comunicados. Nós não tínhamos aparelhagem para tocar o barco".

Boa parte da experiência desse período ficou perdida, por falta de registros escritos:

"Na época, nós não contávamos com a cobertura da imprensa. Em S. Paulo, acontecia uma greve e era publicada com destaque nos jornais. Aqui, por mais que a gente tentasse puxar alguma coisa da imprensa falada e escrita, não saia nada. Nem uma linha era publicada nos jornais".

Com a intensificação da repressão após a decretação do AI-5 (1969), as principais lideranças desse núcleo de oposição sofreram uma implacável perseguição: "O pessoal foi caçado pela polícia como se procura uma agulha num palheiro" - relembra Benjamin. Alguns foram presos ou passaram à clandestinidade: "o Pereirinha teve que se mandar para S. Paulo, o Djalma foi para a França, o Nemesio e o Benjamin foram parar na cadeia".

O trabalho se dispersou totalmente, mas uma semente houvera sido plantada:

"O trabalho se dispersou, mas soubemos depois que os grupos de fábrica tiveram vida independente por mais algum tempo, sem outra direção por fora. E, mais tarde, quando um novo núcleo de oposição se articulou na categoria, foram contactados muitos companheiros dessa-fase".

A RETOMADA

No plano nacional, 1974 foi o ano do voto de protesto que estoura nas eleições gerais de novembro. Houve grande percentual de votos nulos e votação maciça nos candidatos da oposição burguesa (MDB, atual PMDB). O processo de deteriorização da qualidade de vida dos assalariados em geral, pelo arrocho salarial, chegara a um ponto intolerável. E, passado o ufanismo do "milagre brasileiro", já se fazia sentir o processo de proletarização da classe média.

Inicia-se uma reativação das lutas dos trabalhadores e camadas médias da sociedade. O movimento estudantil volta às ruas com as passeatas em 1975 e 1976. Em algumas cidades explodem manifestações de revolta da população, através de quebraquebra de trens e ônibus. Alguns sindicatos começam a ter uma prática não pelega e progressivamente combativa. Aos poucos, esses sindicatos irão se aproximar e passar a agir em bloco.

Por volta dessa época, importantes transformações já ocorrera na economia baiana como conseqüência da implantação do Centro Industrial de Aratú (CIA), iniciada em 1967 e, em seguida, do Polo Petroquímico de Camaçarí.

Abrangendo a chamada Região Metropolitana do Salvador (capital e município vizinhos), o parque industrial então implantado passou a dispor de unidades dotadas de grande sofisticação tecnológica e, consequentemente, alto grau de burocratização e de racionalização a nível da estrutura organizacional. As relações de compra e venda da força de trabalho, nestas modernas empresas, tendem a se evidenciar com mais nitidez, pela impossibilidade de vigência de relações paternalistas e assistencialistas. O antagonismo das classes envolvidas no processo de produção se revela muito mais claramente do que nas unidades industriais tradicionais que compunham a indústria baiana.

Em 1974, a antiga "Associação dos Trabalhadores da Indústria Química" passou a ser sindicato, surgindo o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Petroquímica do Estado da Bahia (SINDIQUÍMICA). Este sindicato passou a aglutinar operários oriundos da categoria dos trabalhadors do petróleo (operadores de área, operadores de máquinas hidráulicas etc), alguns deles com tradição de lutas da fase anterior a 1964. Também agregou muitos ex-metalúrgicos (ajustadores, mecânicos de manutenção, inspetores de qualidade etc), alguns com certa experiência sindical. Estes seguimentos contrabalançaram em parte a ausência de qualquer vivência sindical da grande parcela de peões vindos da zona rural e que foram agregados ao Polo Petroquímico.

Embora sem lideranças forjadas em lutas, o movimento sindical na Bahia foi se reativando, a partir da conjugação de esforços para o soerguimento dos sindicatos e para a substituição de suas diretorias. O surgimento do SINDIQUÍMICA representou um importante ponto de apoio para esse processo. Algumas oposições sindicais começaram a se estruturar em algumas categorias, destacando-se a oposição bancária.

Entre os metalúrgicos, estas transformações contribuíram para intensificar as pequenas lutas de fábrica e a volta às assembléias do sindicato. Mas a diretoria sindical, refratária às reivindicações mais sentidas da categoria, atuava como uma camisa de força ao avanço político e organizatório do movimento. Isto reacendeu o descontentamento da categoria, criando as condições para o ressurgimento de um núcleo oposicionista.

A partir de 1972, começaram a retornar a categoria alguns quadros que haviam partido para São Paulo na fase repressiva anterior, entre eles Ed'Lauro (diretor do Sindicato dos Metalúrgicos na gestão 82/85). Estes quadros haviam tido contato com o movimento sindical paulista e retornavam imbuídos das idéias de combate à estrutura sindical vigente, adotadas pelo movimento operário dos centros avançados.

Edival Passos (candidato ao governo do Estado pelo PT em 1982) atuava nesta época na categoria, mantendo um núcleo de trabalhadores da USIBA e com contatos com grupos operários de outras empresas. Em 1975, Benjamin sai da cadeia, e busca retomar os contatos com os remanescentes do trabalho anterior.

Um pequeno núcleo começou a se formar para a discussão das perspectivas do trabalho quando Edival Passos, Ed' Lauro e Benjamin, puseram-se em contato. Posteriormente se agregaria a este núcleo, Clemildes (CESMEL), Almerindo (AÇOS DO BRASIL), Ivan e Luis Alberto (EQUIPETROL), entre outros.

Até por volta de 1979, a atuação desse núcleo foi precária, porém constante. Contava com inúmeras dificuldades para uma atuação que atingisse setores mais amplos da categoria. A principal dificuldade era a grande desconfiança dos operários em relação às propostas de atuação e o grande descrédito em relação ao Sindicato. Na verdade, a atuação quase que se limitava a participação nas assembléias do sindicato e a resistência dentro das fábricas.

A reativação das lutas a partir de 1974 criou as condições para a rearticulação de um núcleo oposicionista entre os metalúrgicos baianos. As pequenas movimentações nas fábricas e a participação nas assembléias sindicais começam a forjar quadros que sentiam a necessidade de desenvolver uma oposição aos desmandos do Manuel dos Santos. Em 1979, surge formalmente a Oposição Sindical Metalúrgica da Bahia.



3. O MOVIMENTO OPERÁRIO A PARTIR DE 1978.

No plano nacional, o ano de 1978 já começa aquecido pela luta em prol da reposição salarial iniciada no ano anterior. Nesse ano, inicia-se um ciclo de grandes greves e manifestações operárias.

Em maio de 78, os operários da SCANIA VABIS puxa a fila no ABC paulista, parando as máquinas. Logo é a vez da FORD, MERCEDES, e outras grandes metalúrgicas de São Bernado.

Êm outubro, o centro do movimento se desloca para a região de São Paulo, quando os metalúrgicos da cidade desencadeiam a primeira greve geral desde 1964.

O ano de 1979 vê a grande greve dos metalúrgicos de São Bernardo, em abril. Aliás, todo o ano de 1979 será cheio de greves. Em novembro é a vez dos metalúrgicos de São Paulo: é realizada uma grande greve, na qual é morto o operário Santo Dias, assassinado pela repressão num piquete.

Quando surgiram as greves do ABC, em 1978. tornou-se patente que importantes setores da classe operária brasileira tinham passado por um processo de amadurecimento. A primeira onda de greves deu-se à base de Comissões de Fábrica que as lideravam. O fato mais marcante era que a denúncia da estrutura sindical vigente penetrara em setores da classe, delineando-se a busca de novas alternativas.

Já tinha surgido o sindicalismo "autêntico". O ano de 1979 vê formar-se duas tendências no movimento Sindical. Isto aparece claramente em São Paulo, mas estava presente nos vários centros industriais. São dois blocos com políticas diferentes e práticas inconciliáveis. É o que passa a ser chamado "Bloco Autêntico" e "Bloco Reformista".

Os autênticos reúnem os sindicalistas combativos, a começar pelos metalúrgicos de São Bernardo, e sindicalistas ligados às oposições sindicais. São sindicalistas que se identificam com as aspirações da classe e procuram liderá-la na luta contra o patronato e a política

governamental. A principal característica deste bloco é o aspecto "classista", quer dizer, eles vêem duas classes na sociedade em luta constante: patrões e operários.

No "Bloco Reformista" agruparam-se os sindicalistas ligados a organizações políticas como PCB, MR-8 e, de certa forma, o PC do B. A visão desse bloco era a de que o Brasil atravessava uma grande crise e só poderia sair dela com a união entre patrões e operários, na luta pela democracia, contra o FMI e os patrões estrangeiros. São contra greves prolongadas e ações que possam prejudicar a abertura. Procuram entrar nos sindicatos, defendendo a "unidade" e, uma vez lá, melhorar um pouco as coisas. Por isso, se aliam aos pelegos tradicionais. O sindicato principal deste bloco é o dos Metalúrgicos de São Paulo, dominado pelo famoso "Joaquinzão".

1° DE MAIO DE 1979 NA BAHIA

Por volta de 1978, quando se iniciaram as grandes greves dos metalúrgicos paulistas, o movimento sindical na Bahia já possuía um relativo dinamismo. Algumas categorias já haviam retomado a direção de suas entidades das mãos dos pelegos. O SINDIQUÍMICA destacava-se como o quartel general do sindicalismo mais avançado na Bahia, fornecendo apoio às oposições em outras categorias. A oposição bancária permanecia atuante. Entre os gráficos, delineava-se também um movimento de oposição sindical!

Na categoria metalúrgica, o núcleo oposicionista intensifica os esforços para a aglutinação dos operários mais dispostos, então dispersos em várias fábricas, num movimento de oposição. Ressurgem as pequenas movimentações nas fábricas e aumenta a participação nas assembléias sindicais, contribuindo para forjar quadros dispostos a se opor abertamente aos desmandos da diretoria do sindicato. Isto foi se reforçando pela revolta contra as atitudes duvidosas do então presidente do Sindicato, Manoel Santos. Relembra um sindicalista:

"A medida que o nosso trabalho ia se revelando, fazendo surgir os problemas e reivindicações da categoria, a face repressiva e pelega do Manoel Santos também se revelava cada vez mais. Nas lutas de fábrica que ocorriam, quando a direção sindical não assumia uma postura de falsa neutralidade, cooptava acintosamente com os patrões. Às vezes, um simples pronunciamento numa assembléia do sindicato, resultava no dia seguinte na demissão do companheiro. Isso só fazia aumentar a revolta da categoria".

Em 1979, foi organizado na Bahia um ato conjunto de todas as categorias de trabalhadores, para a comemoração do 1° de maio - dia do trabalhador. Este ato foi denominado de "1° de maio unificado", e realizou-se no Colégio 2 de Julho.

O Sindicato dos Metalúrgicos havia se comprometido com os organizadores do Ato, entre eles o núcleo da oposição, a participar das atividades programadas. Todavia, o Manoel Santos organizou simultaneamente um churrasco para a categoria metalúrgica, a ser realizado no mesmo dia, na chácara do Sindicato em Lauro de Freitas. Cerca de 16 ônibus foram alugados pelo Sindicato para o transporte de pessoal. Aos oposicionistas, que questionaram a programação, Manoel explicou que, como o ato conjunto seria à tarde, todos sairiam da chácara após o churrasco e iriam para o Colégio 2 de Julho.

Ào churrasco em Lauro de Freitas compareceram cerca de 1.200 metalúrgicos. O núcleo de oposição resolveu fazer-se presente e transformar a festa num ato político. Inicialmente, foi distribuído um boletim sobre o significado do 1º de maio e sobre o ato unificado previsto para à tarde. Em seguida foi organizado um comício, utilizando-se do sistema de som instalado para a festa. Sobre estes fatos, relembra Ed' Lauro Ferreira, ex-diretor do Sindicato dos Metalúrgicos:

"Quando organizamos o comício, o pessoal se concentrou em torno dos oradores, alguns tendo que subir nas árvores para melhor acompanhar as falas. Manoel Santos ficou bastante irritado porque não contava com esta manifestação. A coisa esquentou mais ainda quando se descobriu que o Manoel havia dado uma gorjeta aos motoristas dos ônibus para desaparecerem até o fim da tarde, impedindo assim o deslocamento do pessoal até o Colégio 2 de Julho. Os oradores denunciaram o fato e, para impedir a continuidade da manifestação, o Manoel começou a distribuir as bebidas e arrancou os fios do som".

Ao Ato Unificado no Colégio 2 de Julho, compareceram cerca de 2.000 trabalhadores. Os metalúrgicos que se encontravam na chácara em Lauro de Freitas, não puderam comparecer por falta de condução. Apenas alguns ativistas da oposição fizeram-se presentes, porque se deslocaram para a estrada e conseguiram carona.

O CASO BISELLI

Entre os metalúrgicos, o 1º de maio de 1979 ficou marcado a fogo, não só pelos incidentes da chácara, mas principalmente pelo que viria a ocorrer com os trabalhadores da BISELLI.

A BISELLI NORDESTE S/A, localizada no bairro do Retiro, é uma filial do grupo BISELLI do sul do país. Instalou-se na Bahia em 1976, com cerca de 200 empregados, fabricando viaturas industriais e equipamentos de prospecção de petróleo.

No início de 1979, a insatisfação dos trabalhadores da BISELLI era muito grande, contra as péssimas condições de trabalho na fábrica, entre elas a inexistência de refeitório. Uma das reivindicações básicas era a instalação de um "banho maria", para aquecimento das marmitas. O descontentamento começou a se transformar em revolta quando os operários perceberam que os patrões pouco caso faziam das suas reclamações.

Já dispostos a entrarem em greve, os trabalhadores da BISELLI compareceram em massa ao ato comemorativo do 1º de maio. Pressionado pela presença massiça dos operários, e pelos incidentes com o núcleo oposicionista, Manoel Santos se declarou ao lado dos trabalhadores e apoiou a decretação da greve. Esta ficou decidida para a segunda-feira, dia 2 seguinte ao 1º de maio.

Na segunda-feira, os operários compareceram à fábrica, bateram o cartão e pararam. Uma parte se concentrou na porta da fábrica. O presidente do Sindicato, juntamente com Devirio (tesoureiro) chegou ao local e, dirigindo-se aos grevistas escolheu a dedo uma comissão, ele mesmo apontando cada um dos escolhidos. Mandou que todos os demais se dispersassem e levou a comissão para negociar com os patrões. O movimento terminou no mesmo dia, tendo como fruto uma lista de 80 demissões.

A FORMALIZAÇÃO DA OPOSIÇÃO

Na terça-feira seguinte, dia 3 de maio, o núcleo oposicionista reuniu-se no SINDIQUÍMICA, ainda sob o impacto dos episódios dos dias anteriores. A traição da diretoria do Sindicato aos trabalhadores da BISELLI tinha gerado um grande sentimento de revolta e frustações. Os rumos do trabalho precisariam ser revistos.

Até então, o núcleo oposicionista vinha atuando dispersamente, sem existir como um organismo formal. As suas ações eram previamente discutidas no grupo, existia algum tipo de coordenação e mesmo os seus manifestos eram lançados em nome da "Oposição Sindical Metalúrgica". Mas esta não existia formalmente.

Na reunião do dia 3 foram discutidos os episódios anteriores envolvendo a diretoria do Sindicato e o papel do grupo. Debateu-se a necessidade de uma intervenção oposicionista mais organizada na categoria. Assim, foi formalizada a criação da OPOSIÇÃO SINDICAL METALÚRGICA DA BAHIA, elegendo-se uma coordenação e decidindo-se pela criação de um jornal, de nome "1º de maio".

A partir das deliberações acima, a vida orgânica da Oposição passou a ser mais regular. Conseguiu-se um apoio mais sistemático de outras entidades, na forma de locais para reuniões, para impressão de boletins e apoio material. As reuniões passaram a ser constantes, no Círculo Operário, no SINDIQUÍMICA, no Sindicato dos Bancários e no SINERGIA.

O primeiro número do jornal "1º de maio" saiu logo em seguida, contando com o apoio do pessoal do "Clube de Criação". A tiragem foi de 1.000 exemplares. Após este número, ficou saindo sem uma periodicidade definida, sob a forma de boletim.

AS ELEIÇÕES DE 1979: PRIMEIRO CONFRONTO ABERTO

A formalização da Oposição Sindical ocorreu na seqüência de uma série de êxitos. Os acontecimentos do 1º de maio, mobilização da BISELLI, a publicação do 1º número do jornal, todos esses fatos abriam novas perspectivas para a oposição. Acontece que aquele era o ano da eleição sindical e Manoel dos Santos não estava de olhos fechados para o crescente fortalecimento da OSM. A pelegada não deixaria de reagir, e efetivamente reagiu com seus métodos habituais.

O plano traçado pelo comando pelego era muito simples: cabia impedir que a Oposição inscrevesse sua Chapa no prazo legal. O Edital de Convocação, segundo a Lei, deveria ser publicado em Jornal e afixado em lugar público. Manoel dos Santos escolheria o Jornal "Feira Hoje", e o local público para afixação do aviso seria o Mercado Público da Cidade de Pojuca. Tomando conhecimento do Edital já na véspera da data limite, a Oposição tentaria articular uma chapa de última hora, que, no entanto não chegava a atender a todos os requisitos legais.

A luta que se seguiu foi travada no âmbito da Justiça e junto a massa da categoria. Na Justiça, tentou-se a anulação do processo eleitoral e

a ímpugnação da Chapa única. Junto a massa, foi deflagada uma campanha pelo não comparecimento às urnas, como forma de repúdio à fraude. A campanha prosseguiu nos "mosquitinhos" levados às portas das fábricas. Através dos contatos com a imprensa, algumas denúncias chegaram a passar e foram publicadas nos jornais.

Um evento iria fortalecer bastante a Oposição, e em particular a sua tática para a eleição de 1979: a visita de Lula à Bahia.

Lula já encarnava a legenda de uma liderança operária nova, em pleno ascenso das greves de nassas que vinham ocorrendo no Brasil desde 1978. Lula vinha à Bahia já em meio às primeiras articulações para a fundação de um Partido (o futuro Partido dos Trabalhadores), mas entre todas as forças que o aguardavam foi aos metalúrgicos da oposição que destinou maior atenção. A visita de Lula, sua participação numa assembléia da Oposição e sua ida a um programa radiofônico de grande audiência, onde expôs suas críticas ao peleguismo, - tudo isso obteve ampla repercussão.

O avanço da Oposição era um processo cumulativo. O trabalho de anos, a lenta organização de base, a contínua convivência com o cotidiano da categoria, eram fatos que se somavam as novas realidades, aos ventos de combatividade que sopravam desde as primeiras greves de massa ocorridas em SP, desde o surgimento do novo sindicalismo, a exemplo do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernado e da Oposição Metalúrgica de São Paulo. O resultado desse processo histórico era o fortalecimento da Oposição Metalúrgica na Bahia.

Na eleição de 1979, o número de ausentes foi enorme. A chapa única dos pelegos conseguiu a vitória com apenas 22 votos acima do mínimo, apesar da fraude ostensiva e generalizada que envolveu urnas violadas, urnas sem lacre, urnas seqüestradas e levadas para a casa de Manoel dos Santos na cidade de Águas Claras, etc. A Justiça fez vista grossa para a fraude. Legalmente, Manoel dos Santos estava eleito, mas seu enfraquecimento era notório. O avanço da Oposição havia sido enorme, e sua vitória num próximo confronto tornava-se virtualmente inevitável.



4. ACUMULANDO FORÇAS ATÉ A VITÓRIA

Logo depois das eleições sindicais de 1979, muitos militantes da Oposição foram demitidos. A maioria das lideranças da OSM havia saído do anonimato e passava a figurar nas listas negras, na alça da mira das empresas. De imediato, houve queda no nível de articulação das forças. Em reação as novas dificuldades, a Oposição readaptou seus métodos de ação, enfatizando a organização de base, contatos intersindicais e as discussões políticas. Relata Ed' Lauro:

"Então nós passamos todo esse tempo organizando jornal, fazendo reuniões sistemáticas da Oposição, ampliando contatos, participando de todos os eventos ao nível do movimento sindical".

As reuniões se tornaram semanais. Havia uma integração relativamente forte entre as atividades da Oposição metalúrgica e as demais oposições que nasciam na Bahia. As lutas operárias de repercussão nacional eram acompanhadas ativamente, a exemplo da greve dos metalúrgicos de SP em 1980, quando se formou um comitê para arrecadação de fundos, coordenado por Ed' Lauro. Atividade idêntica, de ativa solidariedade, acompanhou a greve dos catadores de café de Barra do Choça em Vitória da Conquista.

Outra frente de luta desenvolvida pela Oposição, naqueles anos, foi representada pela tentativa de sustentar o ENTOES (Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical). O ENTOES era uma alternativa à articulação das forças reformistas da chamada Unidade Sindical, e teve um papel importante na formação das bases para a futura CUT. Ao mesmo tempo, o ENTOES foi um centro de aglutinação e de difusão das posições de crítica à estrutura sindical existente no Brasil, atrelada ao Estado e desvinculada das massas.

Já no decorrer de 1981, iniciaram-se os preparativos preliminares para a futura eleição sindical. Um novo tema de discussão se colocou: a questão do relacionamento da Oposição com os sindicalistas ligados a Tribuna da Luta Operária. Com uma participação mais recente na

categoria metalúrgica, o grupo ligado a Tribuna preparava o lançamento de um jornal de oposição a Manoel dos Santos. O núcleo antigo da Oposição decidiu estabelecer contato com o novo grupo com a proposta de substituição do jornal por um trabalho de coligação, de frente única. Relata Ed' Lauro:

"Eu disse: - não, espera aí; segura esse jornal porque esse jornal fala em vocês saírem como oposição e não está certo vocês entrarem num processo eleitoral, dividi-lo e entrarem numa luta já no fim, dividindo todo um processo que vocês desconhecem. Vamos formar uma coligação, tem bastante lugar para vocês, para a chapa, a gente pode muito bem ver a proporcionalidade, e os companheiros podem muito bem participar do processo de direção da luta sem precisar duas oposições. Isso foi aceito e passamos a reunir juntos, a tirar posições conjuntas".

0 mesmo processo é relembrado por José Carlos Sodré:

"Outro fato importante foi a passagem do PC do B para a Oposição Sindical. Pois enquanto formávamos a Oposição, o PC do B formava a Renovação Metalúrgica. Já tinha ocorrido a eleição dos metalúrgicos em São Paulo, em que Aurélio Perez saiu com uma chapa própria, separada do resto da OS, o que viabilizou a vitória de Joaquim. Aqui, a Renovação Metalúrgica não partia para um confronto com a OS. Eles só tinham base em uma fábrica, a Alcan. Nesse período, antes das eleições, discutíamos a fusão das Oposicões. Uma das questões polêmicas era esta. Os acontecimentos de SP criavam resistência contra o PC do B. Eu defendia a busca da unidade. Depois de muita disputa, decidimos fazer contato com o PC do aceitou a negociação. Daí saiu a UNIÃO METALÚRGICA, já no final de 1981. Daí começou também o jornal União Metalúrgica, que deveria continuar depois como jornal do Sindicato".

Nessa época, entre final de 81 e começos de 82, já se faziam sentir os resultados do persistente trabalho de acumulação de forças desenvolvido pela Oposição. O ambiente é de autoconfiança. A oposição crescia, faziam-se novas reuniões, debatia-se como organizar a categoria, desenvolvia-se um importante trabalho de sindicalização. Nesse período, as reuniões da Oposição, realizadas no Sindiquímica, já somavam 50 a 60 participantes.

Começavam as atividades já diretamente vinculadas as eleições sindicais. Montava-se uma rede de solidariedade que extrapolava a categoria e o sindicalismo baiano. O sindicato dos Bancários de SP e

o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernado passaram a prestar apoio ativo. Em Salvador, organizava-se a assessoria jurídica, com a participação de Rui Paterson, cuja atuação seria particularmente importante nos embates que iriam ocorrer durante o processo eleitoral.

A TOMADA DO SINDICATO

Em meados de 1982, intensificaram-se os preparativos para as eleições. Ivan Silva assim descreve o ambiente:

"Próximo as eleições, na Campanha Salarial de julho de 1982, a OSM tem um momento alto da sua intervenção nas Assembléias, sua coragem e participação. Isso faz com que o pelego Manoel dos Santos entre na defensiva e faça algumas concessões como a participação da OS com direito a voz em algumas assembléias. A OSM denuncia as manobras na Campanha Salarial, enfraquecendo e desgastando a direção pelega. Cresce o número de sindicalizados e no debate formase a chapa com o que tinha de melhor em termos de experiência. Vários sindicatos apoiaram e entramos na luta com reais perspectivas de vitória".

A chapa era encabeçada por José Rodrigues da Costa. A Oposição Metalúrgica já então conseguia o apoio de todo o movimento sindical independente, na Bahia e em outros Estados. A estrutura organizatória criada para fiscalizar as urnas foi suficientemente ampla. Por outro lado, os pelegos fizeram o possível para sobreviver. Durante os dias da eleição, manobras se fizeram ainda mais desesperadas. Enxertaram a lista de votantes com mortos: nomearam bandidos e provocadores para mesários; apelaram para pelegos de outras categorias, como Braulino Silva, dos motoristas, que puxou revolver e fugiu com uma urna, depois recuperada. Para coroar as manobras, tentaram segurar a lista dos sindicalizados. Mas aqui o tiro saiu pela culatra: uma liminar impetrada pela Oposição levou o juiz a expedir mandado de prisão contra Manoel dos Santos. Derrotado, o velho pelego conseguiu fugir do Sindicato sem ser visto, ainda no decorrer da votação. Terminou assim, chamado de "o pelego fujão".

O desfecho do processo eleitoral é assim relatado por Ivan Silva:

"Ao abrir as urnas, a OSM tem uma vitória esmagadora, por volta de 2.000 votos, muita alegria e comemoração. A direção recém - eleita vai até o Bonfim para agradecer e comemorar essa grande vitória que é a vitória da própria categoria. Um fato marcante foi o "quebra -

pote" da vitória promovido pelo presidente do Sindiquímica, Nilson Bahia, e a grande vibração do companheiro Ed' Lauro, reconhecidamente um dos que muito contribuíram para a vitória da OSM".

Encerrava-se uma fase da luta. Depois de anos a fio, marcados pela persistência, pelo trabalho de base, pela combinação do trabalho clandestino com o trabalho legal, a organização operária independente conseguia fechar o cerco em torno dá velha fortaleza pelega, que durante 18 anos comandou o atrelamento do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia aos patrões à ditadura militar. Uma nova fase da luta estava começando.



ANEXO 1 A BATALHA JUDICIAL

Para poder concorrer às eleições sindicais de 1982 e garantir a sua posse, a CHAPA DE OPOSIÇÃO teve que travar uma verdadeira batalha no terreno dos recursos legais e Judiciais. Mostramos a seguir, exemplos dessa luta, através do resumo de alguns requerimentos e mandatos de segurança.

1ª ETAPA: CERCAR O EDITAL DAS ELEIÇÕES

05/82 - RENILDO SANTANA solicita à Delegacia Regional do Trabalho (DRT), através de requerimento, que informe a data da posse da então Diretoria do Sindicato. Esta data era necessária para se determinar até que dia o Edital de Convocação das eleições deveria ser publicado.

12/07/82 - ARIOVALDO RODRIGUES encaminha requerimento ao Sindicato pedindo que lhe seja informado oficialmente quando será publicado o Edital. Argumenta que esta solicitação visa impedir que se repita o processo das eleições de 1979, que impossibilitou a inscrição da chapa da Oposição.

1 3/07/82 - ARIOVALDO RODRIGUES, através de requerimento, solicita ao Delegado Regional do Trabalho que determine à Diretoria do Sindicato, a publicação do Edital de convocação das eleições. Anexa cópia do requerimento acima citado, dirigido ao Sindicato.

23/07/82 - Através de requerimento, WILSON SEVERO solicita ao Sindicato a liberação de uma sala da sede para a realização de uma entrevista coletiva à imprensa, sobre as eleições sindicais e a campanha salarial da categoria metalúrgica.

23/07/82 - WILSON SEVERO requer à DRT que informe se, até esta data, o Sindicato já havia efetuado a comunicação da publicação do Edital-de convocação das eleições.

2ª ETAPA: GARANTIR A INSCRIÇÃO DA CHAPA

- 03/08/82 BENJAMIN FERREIRA dá entrada no Sindicato do requerimento solicitando a inscrição da Chapa de Oposição.
- 11/08/82 Através de requerimento, com cópia para a DRT, BENJAMIN FERREIRA, solicita ao Sindicato que informe oficialmente o número de registro da Chapa de Oposição, para que seja possível iniciar os trabalhos de propaganda.
- 16/08/82 A Chapa de Oposição, através do advogado RUI PATTERSON, exige do Sindicato que informe oficialmente o número de inscrição da chapa.
- 16/08/82 A Chapa de Oposição, através do advogado RUI PATTERSON, encaminha requerimento à DRT, relatando as dificuldades em obter do Sindicato o número de inscrição da Chapa e solicita que a DRT emita ofício ao Sindicato, declarando que considera a Chapa já efetivamente inscrita e determine ao Sindicato que forneça o número de inscrição da mesma.
- 23/08/82 A Chapa de Oposição, já denominada CHAPA DOIS, requer ao Sindicato, através do adv. RUI PATTERSON, que seja permitido aos membros da chapa e ao seu advogado, verificar a documentação das outras duas chapas inscritas.
- 25/08/82 o adv. RUI PATTERSON, em nome da Chapa 2, requer à DRT que seja certificado se, no prazo da lei, o Sindicato deu entrada na DRT da documentação referente a composição e qualificação das chapas inscritas.
- 31/08/82 Face a resposta negativa ao requerimento acima referido, a Chapa 2 toma a iniciativa de encaminhar a DRT a documentação de qualificação da Chapa 2, e requer que seja certificado que a composição da Chapa 2 já se encontra na DRT para todos os fins legais.
- 01 /09/82 Através do adv. RUI PATTERSON, a Chapa 2 requer à DRT que permita aos membros da chapa e ao seu advogado, a verificação da documentação das duas outras chapas, tendo em vista que, nesta data, termina o prazo para impugnações.
- 18/10/82 A Chapa 2 através do adv. RUI PATTERSON, toma a iniciativa de fazer a entrega à DRT, de documentos complementares de regularização da Chapa, após tomar conhecimento informalmente

de que tais documentos foram solicitados ao Sindicato e este não providenciou.

3ª ETAPA: IMPUGNAÇÃO DAS CHAPAS 1 e 3

Em 01/09/82, a Chapa 2, através do adv. Rui Patterson, dá entrada no Sindicato de requerimento impugnando as Chapas 1 e 3. Na exposição de motivos são apresentados os seguintes argumentos:

- a) não foi permitido a Chapa 2 verificar a documentação das duas outras chapas;
- b) na ata de encerramento da inscrição de chapas não foi registrado a ausência de representantes da Chapa 3, apesar dos protestos da Chapa 2;
- c) a Chapa 3 foi registrada sem que dela constassem todos os candidatos, conforme anotado na ata de encerramento;
- d) a Chapa 3, posteriormente registrada, era inteiramente diferente da que constou da ata de encerramento;
- e) as Chapas 1 e 3 foram registradas sem que a documentação exigida por lei constasse do processo;
- f) a diretoria do Sindicato continuava a negar aos membros da Chapa 2 a vistoria desta documentação simplesmente porque não a possuía;
- g) o Sindicato não encaminhou a DRT a documentação das Chapas no prazo da lei;
- h)todas as irregularidades acima iam de encontro à Portaria Ministerial n°3437/74 que regulamenta as eleições sindicais.

Esse processo foi sumariamente julgado pela DRT e considerado improcedente. Em 25/10/82, o Sindicato comunicou através de ofício dirigido a Benjamin Ferreira, esta decisão da DRT.

4^a ETAPA: GARANTIR O DIREITO DE FISCALIZAR O PLEITO

09/08/82 - Wilson Severo, na qualidade de membro da chapa já

inscrita, requer ao Sindicato que informe oficialmente o número de associados do Sindicato, por fábrica e total.

- 29/09/82 Através do advogado Rui Patterson, a Chapa 2 solicita ao Sindicato que tome as seguintes providências:
- a) requerer a DRT para indicar um Procurador para presidir a mesa apuradora das eleições;
- b) fornecer a Chapa 2 a lista de votantes atualizada;
- c) indicação de associados idôneos para presidirem as mesas coletoras, não se justificando a indicação de pessoas estranhas a categoria;
- d) fornecer a Chapa 2 o número de urnas fixas e seus locais, bem como o número de urnas itinerantes e os roteiros das mesmas.
- 18/10/82 a Chapa 2, através do advogado Rui Patterson denucia a DRT a grosseira falsificação do boletim "UNIÃO METALÚRGICA", da Oposição Sindical, e solicita providências policiais para identificar os autores, anexando o original do boletim e a cópia falsificada.
- 21/10/82 Através do advogado Rui Patterson, e tendo em vista a constante recusa da Diretoria do Sindicato em fornecer as mínimas informações necessárias à fiscalização das eleições, a Chapa 2 requer a DRT que determine ao Sindicato que forneça:
- a) roteiro das urnas itinerantes
- b) relação dos associados votantes
- c) relação dos mesários
- 26/10/82 Benjamin Ferreira, através do adv. Rui Patterson, impetra mandato de segurança na Justiça Federal, contra os atos do Presidente do Sindicato e do Delegado Regional do Trabalho, para garantir o direito da Chapa 2 ter acesso as informações necessárias a fiscalização das eleições. (Este mandato fo. concedido em caráter liminar pela Dra. Eliana Calmon, Juíza da 2ª Vara).
- 29/10/82 José Rodrigues da Costa, na qualidade de componente da Chapa 2, requer a DRT que determine ao Sindicato permitir a presença de fiscais da Chapa 2 nos veículos que conduzirão as urnas itinerantes, acesso destes aos locais de votação, bem como permitir a presença dos seus fiscais junto às urnas fixas.

30/10/82 - Benjamin Ferreira, através do adv. Rui Patterson, encaminha requerimento ao Juiz da 2ª Vara da Justiça Federal da Bahia, relatando que o Presidente do Sindicato e o Delegado Regional do Trabalho desrespeitaram o mandato judicial concedido por aquela Corte, não fornecendo à Chapa 2 as informações necessárias a fiscalização do pleito e solicita providências para garantir o cumprimento do mandato.

Em desfecho no processo acima referido, com data de 31/10/82, a Dra. Eliana Calmon, Juíza Federal da 2ª Vara, aceita as razões apresentadas e determina em caráter de urgência que o Oficial de Justiça compareça a sede do Sindicato para garantir o integral cumprimento do mandato, ficando o Oficial de Justiça autorizado a requerer força a Polícia Federal.

31./10/82 - José Rodrigues da Costa, na qualidade de cabeça da Chapa 2, impetra mandato de segurança na Justiça Federal, através da adv. Glória Satoko, contra o Delegado Regional do Trabalho e o Presidente do Sindicato, pela garantia do direito dos fiscais da Chapa 2, acompanharem os veículos condutores das urnas itinerantes. (Este mandato foi concedido em caráter liminar pelo Dr. José Lázaro Guimarães, Juiz Federal, em 31/10/82).

10/11/82 - Benjamin Ferreira, através de advogado, impetra mandato de segurança na Justiça Federal, contra ato do Delegado Regional do Trabalho e do Presidente do Sindicato, pelo direito dos fiscais da Chapa 2 de acompanharem as urnas e pela instalação de todas as mesas coletoras, no 2°escrutínio da votação. (Este mandato foi concedido em liminar pela Dra. Eliana Calmon, Juíza Federal, em 10/11/82).

5^a ETAPA: GARANTIR A POSSE DA CHAPA

01/09/82 - Carlos Alberto Cunha, profissão ferreiro-armador, associado do Sindicato, em requerimento dirigido ao Presidente do Sindicato, solicita a impugnação dos seguintes membros da Chapa 2: Edlauro Ferreira Santos, Wilson Severo, Benjamin Ferreira, José Carlos Sodré, Antônio Alberto Barbosa, Itamar Silveira, Aroldo Santana e Clemides Nunes.

10/09/82 - Os 8 componentes da Chapa 2 acima referidos, através do adv. Rui Patterson, encaminham ao Sindicato suas contra-razões a impugnação apresentada por Carlos Alberto Cunha.

- 27/10/82 O Presidente do Sindicato encaminha ofício aos 8 componentes da Chapa 2 comunicando que a DRT acolheu a impugnação de seus nomes. (Em 29/10/82, o Sindicato distribuiu circular aos associados comunicando a impugnação e a publicou na TRIBUNA DA BAHIA, em 01/11/82).
- 08/11/82 Face ao desfecho do Delegado Regional do Trabalho, acolhendo parecer do Assistente Jurídico, Dr. Amadiz Barreto, pela impugnação dos 8 componentes da Chapa 2, Benjamin Ferreira através do adv. Rui Patterson requer a DRT que o processo seja revisado e, em caso contrário, que o mesmo seja remetido a apreciação do Ministro do Trabalho.
- 08/11/82 Benjamin Ferreira, através dos advs. Rui Patterson e Glória Satoko, impetra recurso administrativo, dirigido ao Ministro do Trabalho, contra o ato do Delegado Regional do Trabalho, que considerou impugnados os 8 componentes da Chapa 2.
- 10/11/82 -Os 8 componentes da Chapa 2 (que tiveram seus nomes impugnados), impetram mandato de segurança na Justiça Federal, através dos advs. Regina Ribeiro Travassos e Glória Satoko, requerendo o direito de seus nomes constarem da cédula única de votação (2º escrutínio), vez que o processo de impugnação encontrava-se em fase de recurso administrativo. (Este mandato foi concedido em caráter liminar pela Dra. Eliana Calmon, Juíza Federal em 10/11/82).
- 13/11/82 A Chapa 2 distribui manifesto dirigido ao povo, aos sindicatos e a categoria metalúrgica, relatando o processo eleitoral e a sua vitória na votação, apesar das manobras da então Diretoria e da conivência da DRT e conclama a opinião pública a garantir a posse dos eleitos.
- 16/11/82 A Chapa 2, através do adv. Rui Patterson, requer ao Sindicato que emita ofício as empresas onde trabalham os componentes da Chapa 2, comunicando a eleição dos mesmos para a Diretoria do Sindicato, conforme estabelecido em lei.
- 16/11/82 Benjamin Ferreira, através do adv. Rui Patterson, encaminha requerimento à Superintendência da Polícia Federal para que seja certificado se estava em curso inquérito policial contra o Sr. Manoel Santos, para apurar crime de desobediência a determinação judicial e em que situação se encontrava o inquérito, para fins de prova em processo administrativo.

18/11/82 - Carlos Alberto Cunha, tendo em vista a larga margem de vitória alcançada pela Chapa 2 em escrutínios sucessivos, e reconhecendo que a Chapa 2 conta com a aprovação de toda a categoria metalúrgica, requer ao DRT que desconsidere o seu pedido de impugnação aos 8 componentes da Chapa.

22/11/82 - Lourival Januário, Paulo Lima, Edvaldo Santos, João Martins Clovis dos Santos e A. Carlos da Silva, associados do Sindicato, encaminham documento ao Presidente do Sindicato, denunciando supostas irregularidades no 2º escrutínio das eleições e pedindo anulação do pleito.

27/11/82 - José Rodrigues Costa e demais componentes da Chapa 2, encaminham simultaneamente ao Sindicato e a DRT, as contra-razões da Chapa 2 à impugnação das eleições acima referida.

30/11/82 - José Rodrigues Costa, na qualidade de Presidente eleito do Sindicato, requer a DRT através do adv. Rui Patterson, que certifique se foi dado entrada naquela Delegacia o pedido de impugnação das eleições, se foi juntado ao mesmo as contra-razões da Chapa 2 e se o processo encontra-se devidamente informado pelo Sindicato.

30/11/82 - José Rodrigues Costa, através do adv. Rui Patterson, impetra mandato de segurança preventivo na Justiça Federal, contra o Delegado Regional do Trabalho e o Presidente do Sindicato, para garantia da posse da Chapa 2.



ANEXO 2 A PERSEGUIÇÃO PATRONAL

"A empresa que, per qualquer modo, procurar impedir que o empregado se associe a Sindicatos, organize associação profissional ou sindical ou exerça os direitos inerentes a condição de sindicalizado, fica sujeita à penalidade prevista no artigo 553, letra "a ", sem prejuízo da reparação a que tiver direito o empregado".

(CLT, artigo 543, parágrafo 6°).

O CÓDIGO PENAL BRASILEIRO CLASSIFICA COMO CRIME CONTRA A ORGANIZAÇÃO SINDICAL, OU DO TRABALHO, AQUELES QUE PRATICAM OS ATOS ACIMA, PUNINDO OS RESPONSÁVEIS COM AS PENAS DE DETENÇÃO.

A legislação trabalhista brasileira garante ao trabalhador o direito de livre organização e atuação sindical? Pelo texto acima parece que sim. Mas a realidade é bem outra.

Em primeiro lugar, o direito estabelecido no Artigo 543 da CLT, está inserido num verdadeiro cipoal de normas e regulamentações da atividade sindical, que anulam este direito na prática.

Depois, todo trabalhador conhece casos de perseguição patronal a companheiros que defendem em seus locais de trabalho a livre organização sindical. Mas alguém conhece algum caso de patrão que foi preso por este motivo, como manda o Código Penal Brasileiro?

No Brasil, a Justiça do Trabalho é justiça dos patrões. E os militantes da Oposição Sindical comprovaram isto por experiência própria. O texto acima transcrito foi, na verdade, um dos panfletos distribuídos na categoria metalúrgica pelo OSM, para desmascarar a feroz perseguição patronal aos seus militantes.

E esta perseguição esteve presente em muitos momentos, nesse período que estamos analisando.

Assim, o pessoal do Comitê de Fábrica da Equipetrol, foi demitido logo após a greve vitoriosa naquela fábrica em 1967.

Em 1969, a repressão policial do governo Medici, conseguiu dispersar completamente o grupo inicial de combatentes operários que faziam oposição ao Sindicato. Os militantes desse núcleo foram caçados pela polícia como se procura agulha num palheiro.

Com a rearticulação da oposição sindical e sua atuação aberta nas eleições sindicais de 1979, na campanha pela abstenção, a reação dos patrões também se fez presente. Citando só alguns casos: Ed'Lauro foi demitido pela FLUXOMAQ, Alcides e Edival Passos perderam seus empregos na HUGLES TOOL, Ernesto "Coiote" foi demitido pela BISELLI...

Nenhum dos diretores das firmas acima citadas sofreu qualquer punição por estas demissões. Muito menos foram parar na cadeia, corno sugere o artigo 543 da CLT combinado com dispositivos do Código Penal.

Realmente, pelas leis trabalhistas do Brasil, o patrão pode demitir o empregado a qualquer hora, desde que lhe pague o saldo de salários, férias e 13º proporcional. Não precisa dizer o motivo. Desde a criação do FGTS, em 1966, desapareceram os últimos vestígios de estabilidade no emprego no Brasil.

A seguir exporemos alguns casos de perseguição contra militantes da Oposição Sindical Metalúrgica, limitando-nos ao período das eleições sindicais de 1982.

Nessa época, a Oposição já representava a vontade da maioria da categoria. O seu núcleo de ativistas era amplo e, além disso, contava com bases organizadas em várias fábricas. Não era fácil desarticular o seu trabalho só com a utilização da repreensão policial, como em 68/69. Ou com a demissão de alguns ativistas, como em 79. A Oposição Sindical era uma realidade em 1982 e, por isso, a perseguição patronal foi implacável.

Eis um resumo dos principais casos:

a) CLEMILDES NUNES

Mestre de pintura industrial, casado, membro do Conselho Fiscal da Diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos, eleita em 1982.

Clemildes foi demitido em maio/80, quando se deu o fechamento da CESMEL, onde trabalhava. Por ter participado ativamente da greve da

CESMEL, em 1980, não conseguiu emprego, por mais que tentasse. Passou a viver a duras penas, através de bicos.

b) ED' LAURO SANTOS

Inspetor de qualidade, 45 anos, casado, dois filhos, membro da diretoria executiva do Sindicato dos Metalúrgicos, eleita em 1982.

Ed'Lauro já se encontrava desempregado desde julho/79, quando foi demitido da FLUXOMAG. Estava visado, por ser um dos representantes da Oposição que mais aparecia em entrevistas da imprensa. Não conseguia emprego por mais que procurasse.

Aliás o episódio da sua demissão pela FLUXOMAQ é ilustrativo. Confirmando matéria publicada na TRIBUNA DA BAHIA, de 28/07/79, relata Ed'Lauro:

"No início de julho/79, numa assembléia na sede do Sindicato eu denunciei a rotatividade de mão de obra na Bahia e pedi providências do Sindicato contra as demissões em massa que estava havendo na categoria. Depois da assembléia, representantes da imprensa me procuraram para uma entrevista Nesta ocasião reafirmei as denúncias feitas na assembléia, citando as demissões na BOSH, MHM e AÇOS DO BRASIL. Um companheiro ao lado, que também trabalhava na FLUXOMAQ, completou citando demissões nesta fábrica. O Manoel Santos estava assistindo a entrevista e aproveitou para lançar uma provocação, pedindo que eu confirmasse as demissões na FLUXOMAQ. Confirmei".

Prossegue o relato:

"No dia seguinte, ao chegar à fábrica, fui chamado pela direção. Disseram-me que já sabiam da entrevista, que eu estava querendo levar a empresa à falência e fizeram várias ameaças. Concluíram afirmando: você vai ser demitido e não vai achar mais emprego em lugar nenhum, está queimado. Oito dias depois fui demitido".

Para poder concorrer às eleições sindicais de 82, Ed'Lauro teve que arrumar um emprego numa fabriqueta de fundo de quintal, através da influência de pessoas amigas. Não fosse esse expediente, não teria concorrido, pois a lei não permite que um trabalhador desempregado participe das eleições sindicais.

Mas o emprego acima não durou muito, porque a empresa não tinha

condições de mantê-lo. Ed'Lauro pediu demissão. Continuou desempregado até abril/84, quando conseguiu uma colocação na NORDON. Mas este emprego só durou 20 dias. No momento em que a NORDON tomou conhecimento da sua condição de dirigente sindical, o demitiu sumariamente. Com esta demissão, a NORDON passou por cima do direito a estabilidade provisória adquirida por um dirigente sindical, a partir do momento em que a sua carteira é assinada.

A reclamação trabalhista de Ed' Lauro referente a esta demissão, ficou a cargo do adv. Rui Patterson, na 1ª Junta de Conciliação e Julgamento de Salvador e foi encerrada em 1986.

c) WILSON SEVERO

Ténico eletricista, membro da diretoria executiva do Sindicato dos Metalúrgicos, eleita em 1982, cargo de Procurador.

Wilson trabalhava na ARINETE FERNANDES quando foi aberto o processo eleitoral para as eleições sindicais de 1982. Dias antes da inscrição da Chapa, a ARINETE lhe deu aviso prévio, numa clara intensão de impedir a sua candidatura.

Mesmo assim, com a inscrição da Chapa antes do término do aviso prévio, Wilson passou a ter direito a estabilidade provisória, sendo sem efeito o aviso prévio anteriormente recebido. Comunicada deste fato, a ARINETE não revogou o aviso prévio e simplesmente o demitiu ao término do aviso. Wilson não mais conseguiu emprego.

d) ANTÔNIO ALBERTO ("LEGUELÉ")

Suplente da diretoria executiva do Sindicato dos Metalúrgicos, eleita em 1982.

LEGUELÉ trabalhava na CEMAN à época das eleições sindicais de 1982. Meses antes da inscrição da Chapa de Oposição, ficou sabendo que a sua demissão estava já decidida. Para ganhar tempo, entrou de licença médica e, assim, a CEMAN não pode demiti-lo.

Por lei, um empregado não pode ser demitido enquanto estiver afastado para tratamento de saúde. Mas também não pode se candidatar a cargos sindicais se estiver nesta situação. Por isso, um dia antes da inscrição da Chapa, LEGUELÉ reassumiu as suas funções na CEMAN. No dia seguinte (dia da inscrição da Chapa), faltou ao trabalho para não receber o aviso prévio. No outro dia compareceu ao trabalho e foi demitido.

Leguelé foi mais feliz que os seus companheiros de oposição sindical. Ficou desempregado durante poucos meses. Conseguiu posteriormente colocação numa pequena fábrica. E obteve ganho de causa no seu processo contra a CEMAN, em maio/85, fazendo um acordo na base de 80% do que teria direito.

e) JOSÉ CARLOS BARRETO SODRÉ

Membro da diretoria executiva do Sindicato dos Metalúrgicos. Casado.

Sodré foi admitido na CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT em agosto/81. Ficou lotado no Pólo "CFF-SHORE" do Cais do Saneamento, em Salvador, na fabricação de plataformas marítimas para prospecção de petróleo.

Em julho/82, Sodré passou a integrar a Comissão de Negociação Salarial, formada pelo Sindicato para discutir com a entidade patronal o reajuste salarial da categoria metalúrgica desse ano. Na Convenção Coletiva do Trabalho, negociada por esta Comissão, constou uma cláusula de estabilidade provisória para os integrantes da Comissão de Negociação, até 30 de junho de 1983.

Sodré também teve o seu nome incluído na Chapa de Oposição, cujo pedido de inscrição foi dado entrada no Sindicato no deia 03/08/82, às 15:45 h. Portanto, a partir deste momento, Sodré passou a ser duplamente garantido por estabilidade provisória: por ter feito parte da Comissão de Negociação e por compor chapa inscrita para as eleições do seu Sindicato..

Mesmo assim, a ODEBRECHT o demitiu. E esta demissão se deu no fim do expediente do dia 03/08/82, ou seja, logo após tomar conhecimento de que o nome do Sodré constava da Chapa de Oposição que acabava de ser apresentada no Sindicato.

Esta reclamação trabalhista foi aberta na 8ª Junta de Conciliação e Julgamento de Salvador, Processo n° JC8-1 948/82, conduzido pelo adv. Rui Patterson.

f) HAROLDO SANTANA

Suplente da diretoria executiva do Sindicato dos Metalúrgicos, eleita em 1982.

Haroldo trabalhava na COMPANHIA METALOMECANICA DO BRASIL

(Feira de Santana) quando foi aberto o processo eleitoral para as eleições sindicais de 1982. Da mesma forma que ocorreu com Wilson na Arinete Fernandes, Haroldo recebeu aviso prévio da METALOMECANICA dias antes da inscrição da Chapa.

Ao ter seu nome incluído na Chapa de Oposição inscrita no dia 03/08/82, Haroldo passou a ser coberto por estabilidade provisória, sendo sem efeito o aviso prévio anteriormemte recebido. Ao ser comunicada deste fato, a METALOMECANICA não voltou atrás em sua decisão e o demitiu em 15/08/82, ao fim do aviso prévio.

Esta reclamação trabalhista, conduzida pelo adv. Rui Patterson foi aberta na Junta de Conciliação e Julgamento de Feira de Santana, Processo n°894/82, de 25/10/82.

g) BENJAMIN FERREIRA

Técnico de manutenção mecânica, casado. Diretor de imprensa da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos eleita em 82.

Benjamin foi admitido na SIBRA-ELETROSIDERÚRGICA BRASILEIRA S/A, em 17/12/81. Em 22/09/82, foi demitido por justa causa.

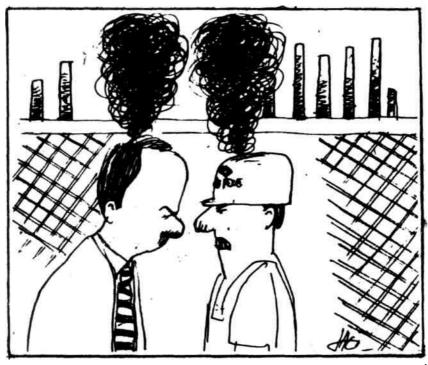
Ao ser demitido, Benjamin estava investido de estabilidade provisória por 4 motivos distintos, a saber:

- tinha sido membro da Comissão de Negociação Salarial da categoria metalúrgica, da mesma forma que Sodré;
- era membro efetivo da CIPA, eleito em 30/07/82;
- era membro da Chapa de Oposição, inscrita para as eleições do seu Sindicato;
- era candidato a deputado federal pelo PT, candidatura esta registrada em 05/08/82.

Ao ser demitido, Benjamin estava mais do que protegido pela estabilidade provisória prevista nas leis brasileiras. Nestas circunstâncias, só poderia ser demitido por justa causa após inquérito policial no qual ficasse comprovada a procedência da justa causa, por sentença transitada em julgado.

Esta reclamação trabalhista foi interposta na 1ª Junta de Conciliação e Julgamento de Simões Filho, Processo n° JC1- 1 187/82, de 04/1 1/ 82. Ao fundamentar a petição inicial para este processo, escreveu o adv. Rui Patterson:

"Esta demissão insere-se no quadro mais amplo das odiosas perseguições que são movidas no Estado da Bahia contra todos que militam nos partidos de oposição (...), atingindo profissionais liberais, trabalhadores e funcionários públicos. (...) Tal situação, deplorável sob qualquer ângulo, só merece a repulsa do povo baiano, mais acostumado ao vigor do livre jogo democrático que às práticas obscurantistas de chefetes mais realistas que o rei, os quais, ocupados na subserviência aos poderosos de plantão, agridem a lei, ignoram a evidência das novas relações que se processam entre patrões e empregados, vivem fora da realidade dos tempos correntes. Dos fatos narrados ressalta a evidência das mesquinhas perseguições desencadeadas contra o reclamante em seu local de trabalho (...). Acrescente-se o fato de que, desde o registro de sua candidatura pelo PT e Sindicato, bem como a CIPA, foi retirado ao reclamante o ônibus que o servia, pela modificação do seu roteiro, negou-se-lhe trabalho; não são aceitos os seus atestados e justificativas para faltas ao trabalho (...) tudo com o deliberado demovê-lo de em seus propósitos oposicionistas".



ANEXO 3 DEPOIMENTO DE ED' LAURO FERREIRA

Para a realização deste trabalho colhemos depoimentos de vários participantes da Oposição Metalúrgica. Publicamos como anexo um resumo do depoimento do companheiro Ed' Lauro, por ter sido um dos principais dirigentes da Oposição, em sua fase mais dinâmica.

Q COMEÇO

Quando cheguei de São Paulo em maio de 75, eu lembro bem que o momento histórico que a gente estava vivendo era de franca repressão, era o auge da ditadura e, isso se se prolonga até 78. Então nesse período, eu vinha com toda uma vivência da oposição metalúrgica de São Paulo. Eu participei de 1969 até 1975, da Oposição Metalúrgica de São Paulo, do processo de formação.

Nós conseguimos levar um trabalho, um aprendizado e conseguimos trazer esse aprendizado, esse trabalho para aqui. Eu pensei numa forma de trazer aquela experiência de São Paulo para cá, pra poder ajudar o desenvolvimento da categoria, da luta. Nós não sabíamos aqui o que era Comissão de Fábrica; o Sindicato não tinha sequer uma sala que se pudesse chamar sala de assembléia. Era menor do que essa sala agui, onde se colocava todo mundo e o restante ficava no quintal, que dava pro outro lado e, dai você não tinha condição de voto. Normalmente o pessoal que cercava o Manoel, era um pessoal velho da categoria, cheio de ranço e quando você ameaçava dizer qualquer coisa, aí eles pressionavam. Não precisava nem a pressão de Manoel: eles mesmos faziam pressão; saiam, iam pro bar, tomavam umas duas, voltavam... e ficavam ao léu. Várias pessoas, inclusive na eleição de 82, chegaram até a tomar pancada desse pessoal, como foi o caso de Renildo e Roque, nas portas das fábricas...

Eles fizeram festival na catergoria, festival de música, investiram muito nisso só pra reforçar a personalidade de Manoel, que era um tipo assim populista, era uma pessoa que gostava de festas... Mas, o

peso da categoria sentia mais a questão dos salários - sentia mais as coisas que ele fazia do ponto de vista de liderança... O pessoal tenta fazer uma greve, ele chega lá e diz: "- espera ai que eu vou conversar com a diretoria da empresa..." e lá dava o nome do pessoal cabeça da greve e, de repente, todo mundo era demitido e a greve acabava. Aconteceu na Biselli, aconteceu na Nordon, aconteceu numa série de outras fábricas.

Isso é só para se ter um relato de como era o comportamento dele em relação à categoria.

As eleições, ele realmente as fazia à maneira dele; não havia opositores, ele afixava o Edital de Convocação e saia em chapa única. A primeira eleição que eu lembro e o primeiro contato que eu tive com Manoel dos Santos, foi em 1976; eu já trabalhava na Engesa e neste período eu já vinha trabalhando com algumas pessoas, conversando sobre o que era oposição.

Em 1976, eu já era sindicalizado, quando ele apareceu lá e eu questionei: - "você é chapa única, cadê, onde vai colocar a cabina de votação?" - comecei a questionar a formalização do processo eleitoral e ele, pela primeira vez me olhou, já como um inimigo, como uma pessoa que não aceitava aquela condução: " - não, chapa única... o pessoal já me conhece, a categoria..." -.

Ai eu falei pra ele sobre São Paulo, sobre Joaquinzão:

"Fui sindicalizado metalúrgico, mas em São Paulo o Joaquinzão não conduz uma eleição assim não". E ele: "- ah, você conhece..." e eu disse: "conheço" e travei um conhecimento com ele, a partir dai, questionando inclusive o processo eleitoral...

Nós levamos o trabalho da Engesa, organizando na praia, basicamente na Ribeira, era um grupo assim, de 12, 15 pessoas. O núcleo central da oposição surgiu a partir da Engesa. Era um trabalho clandestino, forçado dentro da Engesa.

AMPLIANDO A LUTA

Bem, quando eu saí da Engesa em 1977, já estava em contato com Luis Alberto, através do pessoal que já era militante de base do movimento contra a carestia, que estava surgindo e depois se desdobrou em várias frentes e núcleos de base. Eu passei também a fregüentar

o movimento contra a carestia - eu disse que não podia ir a outro tipo de trabalho a não ser a organização da oposição metalúrgica; eles acharam interessante a luta para a tomada do Sindicato. Realmente eu contei com muitas pessoas. Eu me lembro que nessa época tinha o Eduardo, Célia Dourado; era o pessoal daquela época que militava, um que já faleceu, o Anísio, que era do movimento negro.

Ivan, eu conhecia através de uma pessoa de igreja, que vivia desenvolvendo um trabalho na Mangueira, com Aloísio que era ligado ao Spat e, lá eu conheci algumas pessoas que passaram contato importante, como o Gerson que era da área metalúrgica, da Equipetrol. Ivan ficava na Equipetrol Estaleiro. Depois de certo tempo a gente conseguiu articular um trabalho com Ivan lá no Estaleiro. Ele realmente deu conta. Luís Alberto estava na Equipetrol. Eram duas frentes importantes com a oposição. Nós começamos a produzir pequenos jornais, pequenos boletins rodados em mimeógrafos e hoje nós não temos nenhuma cópia desses documentos; pode ser que tenha na mão do Wilson. O que eu tinha, passei pra muita gente e estou praticamente sem nada; passei uma parte importante. Não faz sentido ficar em minha mão, mas eu achava que essa iniciativa devia ser do Sindicato dos Metalúrgicos, era quem devia assumir, publicar alguma coisa de concreto em relação à memória desses 10 anos de luta. Seria muito bom pra categoria.

Bom, vieram outros companheiros, como Salvador, quando eu fui pra CBU. Na CBU foi interessante porque eu passei a trabalhar também no turno da noite e nesse turno eu conheci várias pessoas - eles nada tinham de vivência política, de maturidade - eles eram assim, contestadores da empresa.

a) A empresa tinha um sistema de produção, de prêmio de produção com torneiros e, a partir da produção de certo patamar, ela rateava participação de lucros. Isso era dividido em pequenas cotas, insignificantes, que não valia a pena os acidentes de trabalho que tinha. A pressa era tamanha que as limalhas se enroscavam pelo chão, gerando acidentes. Fabricavam-se peças de reposição que iam muitas vezes pra Engesa, São Paulo; ela trabalhava também como fabricante de peças pra Engex.

Normalmente aquelas limalhas cortavam o tendão do pé do pessoal e aqueles acidentes deixaram muita gente, exatamente por falta de uma CIPA atuante; a verdade era essa.

E eu saia junto com esse pessoal, sexta-feira à noite a gente se

misturava, saía bebendo... a noção deles era essa, de grupo, mas chegava dentro da fábrica eles não raciocinavam em grupo de trabalho. A minha maior preocupação era mudar esse tipo de comportamento, colocar uma perspectiva assim, de pensar em termos da pessoa trabalhando, do eu trabalhador, eu, versus salário, eu, versus patrão. A gente começou a refletir isso e era muito bom, essa questão de reflexão que eles faziam, a partir da bebida e que a gente às vezes era obrigado a beber pra poder estar juntos; era um grupo ativo e que mais fazia barulho dentro da fábrica e que depois, na eleição de 1982, teve um peso muito grande.

O Edilson, que era meu chefe de Controle de Qualidade, era uma pessoa que tinha uma grande importância junto a Manoel dos Santos, porque alem de ser Chefe de Produção, ele comandou aquelas casas próprias. Manoel fez um convênio com o Inocop e muita gente da categoria foi beneficiada através dessa Cooperativa. Muita gente tem casa hoje, no Cabula VI, Pernambués, por causa da Cooperativa que o Manoel conveniou. É bom que a gente coloque esses fatos pra gente ver como foi e contra quem a gente estava lutando; a estrutura pessoal que ele tinha...

Tínhamos algumas palavras de ordem gerais: "organizar a categoria na fábrica" - "lutar pela OPA" - "lutar pela constituição de delegados sindicais", etc.

Aí a gente colocava ao nível regional a construção da Colônia de Ferias - que era uma das maiores reivindicações da categoria metalúrgica, que era enorme, na época quase duzentas mil pessoas na base.

Todo esse trabalho foi feito trabalho de oposição. Não foi um trabalho de uma pessoa só, mas um trabalho de conjunto de pessoas, que foi se formando através do tempo. Nós tentamos tirar um boletim, "Luta Metalúrgica" e distribuir na categoria. Era mimeógrafado, meia folha de ofício, frente e verso onde a gente colocava а situação de apatia do Sindicato Ω chamava comprometimento da direção sindical е companheiros pra organizar palavras de ordem: "vamos derrubar os pelegos" - "vamos esmagar o pelego". Nós fizemos muito isso e essas palavras de ordem agradavam a categoria.

Quando nós começamos a freqüentar as assembléias a gente já tinha um grupo. Gonçalo, Salvador, a gente não se conhecia mas tinham o apoio de CIPA... e eu sentia que aqueles companheiros eram importantes, que não tinham compromisso com a direção do sindicato e aí marcava encontro fora do sindicato, discutia horas; a gente tem

que tomar uma posição e os companheiros compraram essa palavra de ordem, de formar a oposição metalúrgica; e através do tempo, alguns tiveram problemas de demissão, como Sales, que era da Silna, foi demitido. Passou muitos anos sem conseguir emprego, teve que fazer bico; ele era eletricista, não conseguiu voltar pra categoria naquele período. Isso foi muito ruim e foi uma perda muito grande; um companheiro que tinha um potencial organizativo bom, quer dizer, ficou afastado da categoria.

O TRABALHO DE PORTA DE FÁBRICA

Não havia trabalho de porta de fábrica; ainda não foi feito nesse periodo. Por que?. Porque nós estávamos preocupados; cada um estava no seu emprego, no seu local de trabalho. Não tínhamos uma estrutura ainda pra irmos pra porta da fábrica. Então a gente marcava encontro e uma das reuniões que nós tivemos em 1979, no Sindiquímica, nós chegamos a reunir 8 pessoas. Foi a nossa primeira reunião e formalizou a oposição metalúrgica, isso em torno do dia 5 a 8 de maio, foi logo na 1ª semana de 1º de maio, que caiu num dia de domingo. Ai tinha Salvador, tinha outros companheiros... Eu me lembro dessa reunião e o Sindiquímica era na outra rua, na Rua da Mangueira.

Ali a sala era pequena, fizemos uma reunião e discutimos a formalização da oposição. Tinha companheiro que perguntava: - "cadê a oposição, quem é oposição?" mais veja bem, eu estava direto no Sindicato, porque eu era um ativista - podia sair da fábrica e participar de todas as atividades do movimento sindical, do movimento do custo de vida; mas a categoria não tinha ativistas e não dava pra você expor. Alguns companheiros que tinham uma militância de esquerda, muitas vezes pensavam que podiam capitalizar, ganhar esse companheiro da oposição. O problema é que não via a oposição; via alguém, mas não via o conjunto da oposição. Isso era muito ruim.

Em 1975 quando eu cheguei aqui, eu procurei todos os companheiros, eu vi muitas quedas, muitas prisões em Feira de Santana, as organizações políticas tinham sido desbaratadas naquele período, 74,75; houve um processo de delação muito forte nessa região aqui e você tentava conversar com alguém e nada... o único meio de se encontrar com um companheiro de esquerda, por ex. era a nível de oposição partidária. Por ex. MDB na época fez algumas reuniões lá no ICEIA pra dar apoio à candidatura de Adelmo Oliveira.

... Pra apoiar a candidatura de Marcelo Cordeiro. Não era pra organizar

trabalho, não; era pra apoiar esse tipo de candidatura e foi numa dessas reuniões que eu conheci, inclusive, Benjamim pela primeira vez; a estrutura já estava mais ou menos encaminhada: o Ivan já existia, o Luís Alberto, todos eles tinham já atuação, o Edival já atuava, ele eu conhecia, - foi através de outros companheiros inclusive na própria Equipetrol, nós trabalhamos juntos na Equipetrol.

Retomando, a Oposição não tinha condições de desenvolver trabalhos ainda a nível de fábrica, a gente desenvolvia a nível de sindicato. A palavra de ordem era ir pras assembléias - levar companheiros pras assembléias. Pra que? Para ter contato real do que era Manoel dos Santos e, primeiro, quebrar o poder de jogo do Manoel, porque a Diretoria toda ia pra assembléia, enchia meia sala. Ai vinha outros companheiros de base que ele levava, enchia mais ainda. Quer dizer, essas pessoas bloqueavam para que a voz de descontentamento não se fizesse ouvir.

Até esse momento a imprensa não participava das reuniões do Sindicato; ai nós começamos a fazer convocação à imprensa, a Oposição levou a imprensa para as assembléias, começamos a fazer pauta, a telefonar, era uma coisa tão engraçada que a gente começou a freqüentar as redações dos jornais e começava a trazer jornalistas pra dentro do Sindicato, o que neutralizava a ação dos pelegos, a agressividade deles. A gente não tinha jornal, a gente pegava o jornal A Tarde e dizia: "- póxa, baixaram o pau em Manoel" aí juntava 4 e 5 recortava o jornal e levava pra discutir dentro da fábrica. A gente não tinha condições de mimeográfo porque algumas vezes que fizemos isso, mimeografamos lá no Spat - a gente tirava duzentos pequenos jornais. Só a partir de 1979 é que nós chegamos a fazer jornal, no dia 1º de maio.

Isso não quer dizer que não havia brigas com Manoel dos Santos; a gente tinha várias, discutia com ele as necesssidades, inclusive pegando o exemplo mais ligado a ele, como o caso do Joaquinzão. Joaquinzão fazia cursos de leis trabalhistas, segurança no trabalho, o que permitia a Oposição se infiltrar naqueles cursos, botar os companheiros menos esclarecidos politicamente pra fazer aqueles cursos, educava-os do ponto de vista da legislação e depois os ganhava politicamente. Eu não dizia isso pra Manoel, é claro, dizia: "-porque não faz como o Joaquinzão, um curso de leis trabalhistas, para esclarecer e educar o trabalhador?"... - Ele dizia que ia fazer e ficava na intenção, mas nunca fazia. Depois, já nos

anos 80, por ai, ele veio a fazer um seminário; eu mesmo participei, mas nessa época a Oposição tomou conta, praticamente tomou conta do Seminário, por causa da estrutura de força que ela já tinha a partir de 1980. Em 1980 a gente já era realmente Oposição, como foi em 79, apesar de não ter conseguido se inscrever.

GREVES

A Biselli teve algumas greves, mas ele ia lá, subia para o Escritório, conversava e conseguia algumas reivindicações e pronto; morria ali, a promessa que ia conseguir e neutralizava a greve do pessoal. Houve algumas demissões na Biselli naquela época. Na Cesmel, a gente tem um quadro de deterioração na empresa, economicamente. Quando a gente vai ver, o pessoal tenta se mobilizar realmente. E o reflexo da Cesmel vem pra toda categoria mas, também nesse período, a Oposição já tinha uma condição de divulgação maior, já é em 79, também. Nós temos o caso da Nordon, que parou a fábrica toda chamou-se Manoel, que fez algumas reivindicações, levou pra discutir com a empresa, que disse: - "pode voltar a trabalhar que nós vamos atender"- e demitiu em torno de 80 pessoas; foi demissão em massa na Nordon. Então todo esse pessoal, num processo de desgaste, veio a se aglutinar à Oposição Metalúrgica, em 1979 e em 1982.

CONFLITO COM A "UNIDADE SINDICAL"

A chamada "Unidade Sindical" tentou desconhecer a existência da Oposição Metalúrgica, a nível nacional quando a gente tentou formar um Encontro Nacional de Oposições Sindicais, o ENOS e depois o ENTOES, Encontro Nacional de Trabalhadores de Oposição a Estrutura Sindical. Aqui na Bahia, foi a Oposição Metalúrgica quem defendeu tese do Entoes e do Enos, para que não desaguasse na chamada Unidade Sindical e acabou desaguando, até mesmo o Sindiquímica, que era o Sindicato mais forte, economicamente, e o Sindicato dos Bancários, eram os dois mais fortes economicamente...

O Sindicato dos Bancários era dominado por um pelego, Evaldo Paim, que dominou três anos de gestão, fez o que quis; a Oposição dos Bancários não se mostrava forte e estruturada; naquela época Evaldo Paim foi quem fez o clube do Baneb, e isso para os bancários era um feito muito grande; ele conseguiu capitalizar e se dizia na cara dele:

"você é pelego" e ele ria porque achava que a Oposição ainda era incipiente apesar de ter elementos expressivos, como o Pedrinho, como Lustosa, como até alguns companheiros que ainda militam no movimento sindical.

O Sindiquímica tinha Nilson Bahia, tinha Walter, tinha Wagner, uma série de companheiros, mas, ainda era tímido porque via que existiam outros sindicatos cuja maior parte era pèlego. Você podia dizer assim, de 98,98% escapavam dois, três, porque quando chegava na hora de discutir, botar na pauta as questões de luta, de fortalecimento do movimento sindical, de apoio real da oposição bancária, mas depois a oposição dos bancários não reivindicava isso não.

A Oposição Metalúrgica era mais incisiva e brigava para ter o seu nome reconhecido. Mas nos diziam: a direção do Sindicato dos Metalúrgicos é Manoel Santos e não a Oposição - ah, ela não representa a categoria de fato - ah, mas de direito representa - e se entrava numa discussão burocrática de forma que tirava o valor e a força da Oposição Metalúrgica. Eles não compravam essa briga. No máximo diziam: ... "tome mil folhas de papel para o boletim de vocês" - isso me machucava muito e aumentava as mágoas que eu tinha das lideranças, companheiros daquela época; era essa a forma com que eles prestavam solidariedade e ajuda política a Oposição. Quando chegava na plenária, Manoel dos Santos foi em duas ou três plenárias e lá colocava os pontos de vista dele; no fim ele dizia: "- se não for assim, eu não ajudo" - ai todo mundo ficava com medo. Por quê? Porque o dinheiro do Sindicato dos Metalúrgicos representava um coeficiente importante execução do 1º de maio. Dizia pra Paim: "- não ajude não". Paim podia não ajudar, os alfaiates podiam não ajudar, os hoteleiros podiam não ajudar, os comerciários podiam não ajudar, e ia por ai e, adeus 1º de maio... Então eles cediam a essa chantagem. Mas nós continuamos. Lutamos 77, lutamos 78 enfrentando o pessoal do MR-8 que tinha desbundado porque essa esquerda pra mim já era um revide de direita.

A FORMALIZAÇÃO DA OPOSIÇÃO

Logo após o 1 ° de maio de 1979 nós fizemos a reunião no Sindiquímica, a famosa reunião em que foi formalizada a oposição, que resolvemos tirar um jornal com o nome 1° de maio, um nome simbólico; exatamente em 1° de maio ficou marcada a diferença, a "divisão de águas", entre os trabalhadores metalúrgicos conscientes que estavam em oposição a Manoel dos Santos e a direção do Sindicato. Imprimimos esse jornal, com uma boa apresentação, um jornal de primeira, n° zero.

Catraca e aquele que era dono de livros usados, o Charles. Foi através desse pessoal que a gente conseguiu fazer um jornal com formato 4, dupla folha, com fotografias, muito bonito; tiramos 1000 exemplares e trabalhamos muito tempo dentro da categoria, com esses exemplares. E com esse jornal eu chamei muito a atenção de Manoel dos Santos, sobre a real possibilidade da Oposição pra tirar um jornal daquele. "- De onde esse pessoal tá tirando, dinheiro quem financia esse pessoal?". Quer dizer, isso, sob a ótica dele, pra fazer um jornal desse porte e distribuir pra categoria; mas distribuir, vírgula; era passado de mão em mão; o jornal foi muito bem trabalhado. Foi um negócio assim... estrondoso!

Mas a gente ainda estava na euforia do jornal e de nossa participação no 1º de maio, propriamente dita, quando Manoel publicou o Edital de Convocação. Ele colocou o Edital em Feira de Santana, no Jornal Feira Hoje e no Diário Oficial. E colocou em pleno mercado, na cidade de Pojuca, porque tinha que dar conhecimento público. Conhecimento público quer dizer, no espírito da lei, à categoria. Ele simplesmente colocou ironizando né, porque ele tinha conhecimento disso - eram os chamados truques de dirigentes oficiais pra burlar as oposições, porque eles tinham muitos, eram expert nesses truques... colocou no mercado público de Pojuca; diz que deu conhecimento a toda a categoria.

Nós estávamos reunidos no Mosteiro de São Bento, e tinha acabado a reunião quando eu encontrei com Pedrinho, dos bancários que me perguntou: - "você leu o jornal de hoje? porque o Manoel tá isso, tá aquilo". Ele tinha uma empresa que olhava esses Editais para os sindicatos e descobriu o Edital do Sindicato dos Metalúrgicos no Diário Oficial. Foi ele que me avisou e isso foi num dia de sábado. Ora, sábado, domingo já tinha saido todo mundo, se dispersado e na segunda-feira, vencia o prazo. A única forma da gente conseguir comprovar de que o Edital não estava afixado no Sindicato, era pegar um jornal do dia, na segunda-feira cedo, ir lá como um fotógrafo e fotografar inclusive pondo a matéria do jornal, o cabecalho, pra mostrar que naquele dia que foi fotografado não havia em parede nenhuma, nem em poste nem em quadro de aviso, Edital de Convocação. Foi um negócio assim às pressas, naquele dia de sábado à tarde, comprar o filme, comércio findando; arranjei um fotógrafo, inclusive amigo, muito conhecido, não vou declarar o nome, pra ir lá fotografar o ambiente; mas quando ele chegou na porta do Sindicato, tremeu; ficou com medo de entrar, com medo do que quebrassem a sua máquina, quem iria pagá-la? ficou realmente com medo e eu figuei sem saber o que dizer. Nós entramos,

não havia Edital nenhum e ele se recusou a fazer essa documentação que não iria dar em nada, porque na época o Delegado do Trabalho era Dr. Ivanilson Trindade, compadre de Manoel dos Santos, amigo pessoal de saveiradas ai pelo mar adentro; então não ia dar em nada mesmo.

Na 2ª feira eu desci, fui pra Usiba e tentei pegar os companheiros Edvaldo, Arivaldo e Gilberto, para se fazer a coisa que na realidade a gente já conhece, a ficha de qualificação. Nós trabalhamos todo o domingo com a Oposição preparando essas fichas, para na 2ª feira pegar documentos do pessoal e fazer com um número mínimo de pessoas permitido por lei, eram 16 ou 14 pessoas, não estou bem lembrado, pra formar a ficha de qualificação. Você podia repetir cargo na Federação, na própria Diretoria Executiva e tentar preencher a ficha com a repetição de cargos. E fomos lá pro Cartório de Pirajá pra dar entrada nesses documentos, pra registrar. Foi um dia realmente de maratona, sem carro, pra poder fazer o registro da chapa e dar entrada na Delegacia do Trabalho.

Conversamos com Rogério Athaide e Jachkson e fizemos um documento, um pedido de impugnação e conseguimos dar entrada logo no dia 5, um dia depois do caso encerrado; já tinha inscrito a chapa, não sabíamos se ele ia aceitar ou não essa inscrição e o pedido de anulação do processo eleitoral porque não foi comunicado à categoria, não deu conhecimento público, como manda o espírito da lei. Não sabíamos se ele ia aceitar isso mas ao lado disso fizemos outro documento pedindo a impugnação de acordo com a lei do processo eleitoral. Já sabíamos que não ia dar certo; então partimos pra viabilizar o seguinte:

- 1 pedir a categoria para não comparecer no dia da eleição; não votar, não assinar a lista, porque isso indicava que a pessoa não esteve presente;
- 2 não votar nem em branco nem nulo porque isso significava votar. Aconteceu que a categoria respondeu; nós pensávamos que ia ser um negócio dificílimo e ai passamos a distribuir "mosquitinho" ai não dava tempo pra nada. Não tínhamos também dinheiro para fazer boletins. Na época eu tinha um fusca, o que deu para correr as maiores fábricas e distribuir "mosquitinhos" com a categoria exortando a não votar, a denunciar a posição de Manoel dos Santos. A categoria atendeu a esse apelo. Pedimos também a presença de fiscais da Oposição para acompanhar o processo eleitoral. Isso foi negado pelo Delegado do Trabalho.

Bom, como não tinha fiscais, a imprensa, todos os jornais da época mostram a mão dentro das urnas, que estavam abertas, sem lacre,

várias urnas chegaram no outro dia, como a de Feira de Santana; tivemos informes de várias urnas que foram "emprenhadas" lá na casa de Manoel dos Santos, Águas Claras, onde ele morava, e não deu em nada...

Então tudo isso gerou uma peça de protesto, que demos entrada junto ao Delegado do Trabalho, pedido de anulação da eleição por fraude. Ficamos nos jornais, nas redações, jogando notícias, eles já conheciam, já tinham intimidade, havia os companheiros que tinham essas vias de acesso e nós conseguíamos ter isso ai, mas não deu em nada.

A eleição de 79 foi também importante pelo seguinte aspecto: a participação do Lula. Nessa época, o Lula era uma das pessoas mais proeminentes do movimento político, no Brasil. Porque em 1978 começou a abertura política com a anistia. A partir daí se colocava o seguinte: que tipo de partido? a gente se reuniu lá em São Paulo e resolveu formar o Partido dos Trabalhadores, que ainda não tinha esse nome. A gente tinha dúvidas em relação ao nome; havia vários nomes jogados no ar, porque inclusive se falava em muita gente, se falava em liberais, pessoas que tiveram processos de luta durante 64. Aqui, Chico Pinto inclusive dizia que queria entrar no PT. Mas a gente ainda não tinha fixado esse nome - Partido dos Trabalhadores, puxa... e ai entrava a conotação de classes: partido de trabalhadores e um micro empresário entra... era uma discussão acadêmica, se estudante entra, se não entra e achavam que "Partido Popular", simbolizava mais o Partido que eles queriam e não o que nós queríamos.

Lula teria que vir a Bahia pra ter uma reunião com esse pessoal, de outros partidos. Eu entrei em contato, telefonei pra São Paulo e conseguimos agendar que Lula viria pra Bahia e só podia marcar assembléia, sabendo o dia em que ele viria. Quando soubemos a data, foi uma semana antes e ai nós publicamos a vinda do Lula que pra muita gente era uma surpresa; Lula vem! Mas, estava programada uma festa para as pessoas que foram presos políticos - ia ter banquete enorme. 500 cruzeiros um convite naquela época, você pode botar hoje a uns cinqüenta mil cruzeiros, a nível de proporção, um exagero que a gente achou naquela época. Nós fomos procurar porque sabíamos que o Lula ia participar desse banquete. Inclusive o valor cobrado era alto por causa da participação do Lula. Só que ele não participou.

No dia da chegada dele, descemos do fusca eu, Luis Alberto, não sei se Edvaldo foi, Benjamim, cinco pessoas a comissão. Era um dia de chuva torrencial, fomos oito horas da noite - lá pro aeroporto, quando chegamos lá a cúpula do MDB toda, fizeram assim um piquete em torno de Lula e pra gente conseguir falar com o Lula, tinha que sair empurrando e eles tomando a frente... Veio Luciano Ribeiro, Celso Daltro, toda a cúpula do MDB daqui, pra receber Lula e levá-lo pra um churrasco que ia haver em Feira de Santana e a assembléia ia ser no outro dia, pela manhã, às 10 horas.

Quando o Lula viu, conseguimos abrir caminho: "- como é companheiro, e a assembléia amanhã?" - "meu compromisso é com os metalúrgicos; é o meu primeiro compromisso; o resto é secundário".

Ele ia passar 4 ou 5 dias aqui fazendo articulações partidárias. Quando ele deu aquela resposta nos sentimos seguros, porque sentimos que havia um compromisso entre nós. No outro dia a assembléia deu em torno de 150 pessoas, nessa faixa. Não foi muita gente por causa do dia chuvoso, e porque também não tínhamos recursos naquela época; botar carro de som na porta da fábrica, jogar nota em jornal; não tínhamos nada disso. E conseguimos levar Lula e deu uma amplitude tão grande... As manchetes dos jornais da época foram bastante expressivas: "-Lula, na Assembléia da Oposição".

O Lula fez um discurso muito bonito e isso deu um peso muito grande... nós já estamos falando agora do processo eleitoral, porque a eleição foi novembro de 79; o período de inscrição de chapa foi 6 meses antes e quando o Lula esteve aqui e fizemos essa assembléia, já foi de outubro pra novembro. A eleição ocorreu no dia 31 de outubro, 1,2 e 3 de novembro. Inclusive num dos nossos documentos de protesto e pedido de anulação do processo eleitoral, nós alegávamos que um dos dias da eleição era feriado, dia lº de novembro. Como que ia haver eleição naquele dia? O pessoal não estava na fábrica, era feriado e nem isso foi considerado pelo Delegado do Trabalho.

Nessa época havia um programa do França Teixeira e ele tinha aquele jeito populista que conquistou a massa e conseguiu a abertura pra ser deputado. O França Teixeira abriu o programa dele para a Oposição e nós conseguimos marcar uma entrevista com o Lula, três dias depois da assembléia e ele articulou um debate, a gente já vinha articulando isso, a gente procurava ele... "- a Oposição Metalúrgica chamando Manoel dos Santos de pelego"... fazia o maior estadalhaço no programa dele na Rádio Sociedade e num programa que ele tinha às segundasfeiras, na televisão. Nesse programa ele conseguiu articular um debate entre Lula e Manoel dos Santos. Realmente não foi um debate; foi uma exposição de idéias. Lula no ar, em horário nobre, chamou a atenção do público e da categoria. Mostrou a capacidade de liderança

do Lula e o que era um dirigente sindical amortecido pelas benesses do sindicalismo oficial. O que era um dirigente sindical combativo, o que era um dirigente sindical burocrata. Isso ele estabelecia como um divisor pra toda a categoria. Ficou um negócio assim estrondoso! Durante todo o tempo só se falava nisso dentro da fábrica: "o debate de Manoel dos Santos e Lula". Se falou nisso durante muito tempo.

No dia da eleição quando a gente apurou, porque realmente não conseguimos anular a eleição, por uma diferença de 22 votos, apesar de não ter fiscais, as urnas fraudadas, de sumir urna e aparecer dois dias depois, do pedido de impugnação que não foi aceito, isso pra nós foi uma vitória tão grande pra categoria, que nós nos sentimos vitoriosos em todo esse processo. Isso pra nós foi indicativo de que poderíamos tomar o Sindicato, na próxima eleição.

Então guando foi apurada a contagem dos votos e a gente viu esses 22 votos, tivemos um indicativo muito bom. Votaram em torno de 6 mil, 4 mil pessoas, aproximadamente. Eu não tenho o número aqui. A proporção de votos nulos foi imensa, votos em branco, abstenções... foi proporcionalmente maior o número de abstenções do que o número de votos obtido por eles. A gente chegou a pegar mais de 80 cédulas, que tinham sido feitas pela mesma pessoa, as mesmas características. O Procurador viu isso abertamente, mas não procurou anular: tinha chapa concorrente, ficávamos como franco atiradores e ficou por isso mesmo, acabou. O pessoal desceu, quando faltavam 22 votos que davam a eleição como válida, um deles saiu às pressas para avisar ao Manoel, porque o Sindicato fica em frente da Procuradoria; quando nós descemos, rapaz foi um quadro assim, a pelegada toda lá em cima, em festa, aos gritos: "- cadê Lula, viu ai" e vaias; isso emocionou muito a gente, os companheiros queriam jogar pedras... Tivemos que trabalhar três anos, de 79 a 82, pra repassar esses dados pra categoria, não como uma situação de derrota, mas como uma situação de vitória da categoria e derrota de Manoel dos Santos e da direção do Sindicato. Foi difícil a gente sobreviver depois de todo esse processo.

DEPOIS DA ELEIÇÃO DE 79

Eu trabalhava na Fluxomaq em 1979. Na época do pleito eu já estava demitido da Fluxomaq, porque numa assembléia eu disse que estava havendo demissão em massa na categoria. Ele divulgou esses dados. "- tá demitindo, quais são as fábricas que estão demitindo?" - ai eu disse "NHN" - porque havia a NHN naquela época, a Biselli todas

elas, inclusive a Fluxomaq, onde ou trabalhava, na presença de um repórter eu confirmei, não tinha jeito de recuar. Isso foi num domingo, na assembléia. Quando foi na segunda feira de manhã eu cheguei na empresa, fui chamado logo pra uma sala, não era departamento de pessoal; era uma sala fechada onde meu chefe, que tinha sido meu chefe também na Equipetrol, uma pessoa que entrou na Equipetrol através de mim porque me perguntaram se eu conhecia uma pessoa que pudesse indicar "dá pra indicar essa pessoa aqui" e eu confirmei dizendo que era uma pessoa capacitada e tal - essa mesma pessoa me chamou para me ameaçar - "olha, você deu o nome da empresa lá no Sindicato, já mandamos comprar os jornais pra ver se saiu o nome da empresa, e eu acho que você não tem estrutura pra segurar isso..." -quer dizer, me ameaçando mesmo.

Mas nós já tínhamos na Fluxomaq uma oposição enraizada lá dentro. Nós já tínhamos Comissão de Fábrica, já tinha uma CIPA organizada, inclusive um companheiro que participou de todo o processo da oposição, já a partir de 1978, foi Aldemir e em 82 ele participou da chapa. Eu lhe disse: "- olha, meu problema está assim; vou ser demitido" - O pessoal não tinha estrutura pra segurar ainda, de parar a empresa, porque não tinha ainda mobilização política.

Contudo, tanto na Fluxomaq, Biselli, NRN, na própria Cesmel que estava sendo desarticulada nesse período, já estava enraizada a oposição.

Então nós passamos todo esse tempo organizando jornal, fazendo reuniões sistemáticas, ampliando contatos, participando de todos os eventos ao nível do movimento sindical. Por exemplo, participamos como Oposição do Congresso de 79, da Anistia Internacional. Fizemos nos representar também durante esse período, na eleição dos bancários onde a oposição mostrou uma fragilidade muito grande; a oposição só conquistou a eleição naquela época porque Heraldo Paim simplesmente não competiu, você vê que o próprio Heraldo Paim estava envolvido com jogo de futebol, depois ele foi presidente de um desses clubes ai.

Nós tínhamos reuniões semanais lá no Beta. O Beta se tornou depois um centro de atividades sindicais. Na antiga Liga Operária, em Roma, também; isso se tornou uma espécie de peso sindical, a partir da Oposição Metalúrgica. Todas as pessoas não tinham lugar pra reunir, Sindicato dos Gráficos, as oposições de forma geral, motoristas, todo

mundo ia reunir ali. E as assembléias depois em 82 eram feitas lá no Cine Roma também, e a gente trabalhou esse período aí, no sentido de manter esses contatos, de participar dos eventos de 1º de maio, etc. Apoiamos também a luta de outras categorias como a do Sindicato dos Trabalhadores de Barra do Choça e de Vitória da Conquista, que eu considero as lutas mais importantes do movimento agrário, aqui na Bahia, pelo menos nesses 10 a 12 anos.

Quando os catadores de café de Barra do Choça e de Vitória da Conquista conseguiram parar, questionou-se uma estrutura importante, que eram os proprietários de café. A curiosidade é que, paralelamente, havia a greve dos metalúrgicos. O que aconteceu? Eu, por ser a pessoa mais conhecida da Oposição, que estava no desemprego, eu figuei na coordenação da arrecadação de fundos de apoio à luta dos metalúrgicos, quando surgiu a luta desses trabalhadores catadores de café. Mas, você via o seguinte, angariamos fundos pra greve dos metalúrgicos lá em São Paulo, havia o pessoal do MR-8, havia o pessoal do MDB, parlamentares, todo mundo estava com bônus na mão, arrecadando fundos, você precisava ver a unificação e o dinheiro muitas vezes ia parar na mão do pessoal do MR-8. Tinha um jornal "A Hora do Povo", naguela época que era o órgão de imprensa deles; e dinheiro nunca chegava na mão dos companheiros que estavam em greve; nunca era depositado. Eu comecei a me incomodar e questionar isso aí: "pra onde ia o dinheiro?"

RELAÇÕES COM OUTRAS FORÇAS DE OPOSIÇÃO

Nessa greve a curiosidade é que marcaram uma passeata e como Antônio Carlos Magalhães era o Governador na época, proibiu a passeata, aí inventaram a caminhada e entrou em choque com o orgulho e a vaidade de algumas pessoas, incluindo seu Elquisson Soares. A passeata já estava marcada e eu dizia que: tem que ser comunicado a Secretaria de Segurança Pública. Ele contestou: - "não vamos comunicar nada não, porque isso aí seria oficial, pedeir autorização a governo burguês". Falou nessa arrogância toda e não comunicou. Quando foi no dia, Antônio Carlos disse que se houvesse a passeata, haveria repressão. Aí a Comissão disse: "não é nada disso; não pode haver manifestação se não for na Secretaria de Segurança pedir autorização." Sabendo que é inviável, não tem possibilidade, um aparato ostensivo, que estrutura a gente tem pra isso? Quem é que

vai pra rua? Aí eu disse: "Eu vou convocar o pessoal, que a oposição fez convocação, pra chegar lá sabendo que não vai dar um passo..." Aí o Elquisson fez aquele discurso costumeiro que ele faz até hoje. Fomos a Secretaria de Segurança pedir autorização. Ao chegar lá ele pegou o telefone pra conversar com Antônio Carlos. Antônio Carlos zombou dele, eles tinham questões antigas pessoais. Aí o Elquisson perdeu o controle, começou a xingar: - "Se você é homem vá lá pra praça, você não é homem, só fica atrás de seus policiais, vamos pra lá trocar tiros" - Aí Antônio Carlos disse que ele só estava fazendo isso porque tinha imunidade parlamentar, os estudantes e os trabalhadores não tinham.

Àquela altura ele disse que já não tinha condições de fazer a manifestação. Aí eu disse a ele que aquele comportamento comprometia mais ainda a manifestação e fomos lá pra Praça Municipal. Ali ele contou tudo que falou, usou, falou com os jornalistas, porque aquilo enaltecia ele, brigar com Antônio Carlos Magalhães. Resultado: quando ele acabou de falar eu usei a palavra e disse que a gente devia ficar ali mesmo na Praça Municipal, fazer os nossos discursos e dividir em grupos de 4, 5, e sair até o Campo Grande. Aí houve protestos. Tudo bem. Só Sair da Praça Municipal até onde é a Prefeditura hoje. Tem uma ladeira, a Ladeira da Praça, quando chegou ali a polícia fechou, tomou todas as faixas, jogou duas bombas de gás, seu Elquisson entrou num carro que era da segurança dele, desapareceu, ele e outros parlamentares e acabou a manifestação.

Você vê o utilitarismo que foi feito dessas manifestações da greve dos metalúrgicos, que é um marco histórico do movimento de luta dos trabalhadores, e do choque que ficou ignorado. Por quê? Porque seu Elquisson era um dos propietários de café de Conquista e Barra do Choça.

Nesses anos todos eu tenho de certa forma refletido e fico estrangulado com esse tipo de comportamento sindical. A gente sabe que não existe purismo ao nível de relação de massa e a nível de liderança, porque eu tenho uma postura, você tem outra, ele tem outra, mas no cômputo geral a gente sabe que existe um princípio único, que une a gente, que é lutar pelas classes oprimidas, pelos trabalhadores, organizar os processos de luta, de modificação da sociedade brasileira. Mas, outros se aproveitam desse processo aí e a coisa fica muito mais difícil de você encaminhar.

AS RELAÇÕES COM O PC do B

Mas a Oposição Metalúrgica conseguiu não ser esquecida, e se fazer presente, não só através de mim, mas de outros companheiros importantíssimos, como Ivan, Luís Alberto, o Edvaldo. Eu tive um sério questionamento com o companheiro Edvaldo e o Gilberto, eu já disse pra eles, mas a gente nunca teve oportunidade de discutir isso, porque o que veio acontecer na eleição de 82, foi a ambição política da gente.

Quando chegou perto da eleição, nós víamos que tínhamos força pra tomar o Sindicato. E aí eu soube o seguinte: havia uns companheiros, 6 ou 8 meses antes da eleição, do PC do B, que eram conhecidos como companheiros da Tribuna da Luta Operária, que iam lançar um jornalzinho pra categoria. Eu disse: "olha, se eles estão com intenção de participar do processo e lançar jornal na categoria, é melhor que nós procuremos esses companheiros e chamá-los pra luta pra não haver divisões, sair duas oposições ou três e facilitar Manoel dos Santos". Houve companheiros que foram contra. Depois esses próprios companheiros se aliaram ao pessoal do PC do B. Formamos um grupo de oito pessoas e fomos lá até a sede da Tribuna. Estavam lá o Roque, Renildo, Pascoal. Eram, basicamente, estes. Hélio não. Não existia na época, idem Costa. Surgiram depois disso. Costa veio surgir na véspera da formação da chapa. Almerindo surgiu nessa época, como todo o pessoal do PC do B que trabalhava na Alcan: Renildo, Hélio, Roque, o Pascoal, quer dizer, esse pessoal aí. Eles estavam com um jornal e queriam jogar dentro da categoria.

Eu disse: "- não, espera aí; segura esse jornal, porque esse jornal fala em vocês sairem como oposição e não está certo vocês entrarem num processo eleitoral, dividi-lo e entrarem numa luta já no fim, dividindo todo um processo que vocês desconhecem". Vamos formar uma coligação, tem bastante lugar pra vocês, pra chapa, a gente pode muito bem ver a proporcionalidade, e os companheiros podem muito bem participar do processo de direção sem precisar duas oposições. Isso foi aceito e passamos a nos reunir juntos, a tirar posições conjuntas.

Não vale nem resaltar todas as manobras que existiam e que existiram depois no processo de formação de chapa, quando foi eliminada toda a estrutura anterior da Oposição. Edvaldo, Gilberto, foram coptados através de cargos e Rainalva e Bete sofreram ameaças diretas da empresa. Aí, realmente, o núcleo da Oposição ficou mais reduzido. Interessante, nós tínhamos maioria na chapa. Não tínhamos o cargo

de Presidência, nem o de Tesoureiro, mas nós tínhamos a Imprensa, Secretaria de Cultura, Imprensa era Benjamim, Cultura Ivan, eu estava na Secretaria de Assistência Social. Nós tínhamos também outros cargos no conselho Fiscal e da Federação, mas, isso comprometeu a primeira gestão do Sindicato. Refletiu muito na primeira Diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos, embora eu ache que ela teve uma boa atuação, com todas as discrepâncias, com todos os choques internos, que eram frutos do processo político què vivia o país. O PC do B não tinha nada - cresceu a partir do Sindicato dos Metalúrgicos. Depois conseguiu entrar no Sindicato dos Bancários, por fraqueza, inclusive das gestões anteriores, falta de intervenção concreta dentro da categoria, que ganhou o sindicato de Paim e na eleição posterior a maioria perdeu pra o PC do B. Esse é um quadro de memória.

O NÚCLEO METALÚRGICO DO PT

O PT foi criado e o primeiro núcleo do PT foi o dos metalúrgicos. Reunia em torno de 54 trabalhadores metalúrgicos, nessa época. Depois veio o núcleo dos jornalistas, que era um núcleo mais central, mas era misto: jornalistas e outras categorias. Nós tínhamos intervenção... Eu esqueci de citar o companheiro Hamilton, é também um companheiro de 1ª hora, anterior a 79. O Hamilton já participava comigo do núcleo dos trabalhos de Mangueira, que eram os trabalhos comunitários de formação de associações dos trabalhadores de Mangueira, que deu origem ao primeiro núcleo de moradores de bairro do PT.

Você vê como havia uma articulação muito grande. Mangueira, Jaqueira do Carneiro, onde moravam os companheiros Coiote e Paraíba - foram companheiros também de 1ª hora, anterior a 79 que ajudaram a formação dos metalúrgicos... os companheiros hoje estão aí, não têm emprego, não têm uma estrutura sindical que assegure e dê proteção a esses companheiros. Essa questão eu sempre levanto hoje, quando eu falo com os companheiros metalúrgicos, porque isso consta no nosso contrato coletivo e na nossa proposta... A CUT também tem nos seus Estatutos, a proteção desses companheiros, criou estrutura de solidariedade pra esses companheiros mas na prática a gente não consegue materializar isso.

Essas coisas que a Oposição trazia no seu bojo, ajudou, auxiliou todos esses sindicatos aí, de motoristas por ex., o Zé Leite, aquele pessoal todo que está ali, quantas vezes nós formamos grupos pra ir combater Braulino nas eleições. Os metalúrgicos eram os primeiros

que estavam lá fazendo boca de urna contra Braulino. Auxiliamos a oposição várias vezes e eu achei que demorou muito pra tomar o Sindicato por falta de jogo de cintura, porque já havia uma divergência entre grupos de Zé Leite que era petista e o grupo do PC do B que tinha J. Carlos na cabeça e aí, na realidade não queriam reconhecer que o outro tinha mais peso e nisso tudo Braulino levava vantagem, porque a divisão dos dois favorecia Braulino, quando podia muito bem formar uma chapa melhor, furou duas vezes, durante três anos pra chegar a essa conclusão que está aí hoje...

"COMPANHEIRO METALÚRGICO"

NÃO VAMOS VOTAR EM TRAIDORES

CHEGA DE TRAIÇÕES. NÃO PODEMOS MAIS ACEITAR

QUE TFRAIDORES SE NOSSA CATEGORIA METALÚIRGICA

DIRIJAM O NOSSO SINDICATO.

A DIRETORIA DO SINDICATO COM MÊDO DA OPOSIÇÃO SINDICAL ESCONDEU A DATA PARA INSCRIÇÃO DAS CHAPAS.

VAMOS ANULAR ESTA ELEIÇÃO!

NÃO TRANSFORME EM VERDADE UMA MENTIRA.

NÃO ASSINE A LISTA DE VOTAÇÃO.

LEMBRE-SE: VOTO EM BRANCO OU NULO (RISCADO)
AJUDA OS TRAIDORES.

NÃO VOTE. VIVA A LUTA DOS TRABALHADORES! VIVA A OPOSIÇÃO SINDICAL! PELA ORGANIZAÇÃO EM COMISSÕES DE FÁBRICA.

"Mosquitinho" distribuído pela Oposição nas eleições sindicais de 1979.

CHAPA 2 ESMAGOU

O PELEGO

Caiu Manoel dos Santos. Nós, Metalúrgicos baianos, unidos em torno da CHAPA 2, alcançamos liquidar com dezoito anos de traição, golpes e manobras. Mas, ele insiste e agora agarra-se à Legislação anti-operária para exigir uma nova eleição, porque faltaram 33 votos para a CHAPA 2 alcançar a maioria absoluta na lista enxertada pelo pelego. Mane, com o apoio dos patrões, fez de tudo para impedir nossa vitória. Tentou barrar a inscrição de nossa chapa: inscreveu uma chapa fantasma a 3; enxertou a lista de votantes com mortos e pessoas que nunca foram metalúrgicas; nomeou bandidos e velhos pelegos como mesários e buscou barrar a presença de nossos fiscais dentro dos carros que transportavam as urnas itinerantes. Braulino Sena, presidente do Sindicato dos Motoristas, velho pelego e policial, tentou tumultuar as eleições puxando revólver, armando brigas e fugindo com a urna nº3 (que foi obrigado a devolver).

Apesar disto tudo - da máquina do Sindicato e das trapaças - conseguimos vitória com a votação maciça de 1.647 (mil seiscentos e quarenta e sete votos) para a CHAPA 2, enquanto as chapas pelegas (1 e 3) conseguiram juntas 836 votos.

O pelego Manoel tanto fez que recebeu ordem de prisão decretada pela Justiça Federal, porque se negou a fornecer a lista de votantes, roteiros e locais de votação. Desde domingo - dia 31.10 - ele se encontra foragido. É O PELEGO FUJÃO.

Conclamamos todos os companheiros a votarem na segunda eleição nos dias 10, lie 12 deste mês. Todos os metalúrgicos são chamados a apoiarem por todos os meios a CHAPA 2. Vamos consolidar as posições já alcançadas e conquistarmos uma vitória ainda mais expressiva para arrasar Manoel dos Santos - este pequeno ditador - e seu comparsa, Jonas de Feira de Santana.

TODOS ATENTOS À CHEGADA DAS URNAS NAS FÁBRICAS DIAS 10,11 E 12 DESTE MÊS.

- -TODOS ÀS URNAS.
- -É HORA DE OPOSIÇÃO, DE MUDANÇA, DE LIBERTAÇÃO.
- -VIVA A LUTA OPERÁRIA.

VOTE CHAPA 2 - OPOSIÇÃO SINDICAL METALÚRGICA JOÃO DOS PASSOS.

<u>CÉDULA</u>

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDUSTRIAS METALURGI Alagoinhas, Aramarl, Camaçari, Candeias, Catu, Pojuca, Lauro	
	DIR ET O R I A
<u>CHAPA</u>	EFETIVOS
	Manoel do» Santo* Arlindo Gomes de Jesus Nilton Francisco de Souza Delvirío Veloso dos Santos Djalma Franco Nunes Edilson Jardim de Souza
1	SUPLENTES Normando dos Santos Silva da Mata Jonaa Francisco de Souza José Caetano de Souza Maricelia Ferreira da Silva Davidson Antônio Apolonio da Silva Carlos Brito Elisio Santos Souza
<u>CHAPA</u>	EFETIVOS José Rodrigues Costa Ed' Lauro Ferreira Santos Edvaldo Gomes Pereira
2	Wilson Severo de Jesus Magalhães Benjamin José Ferreira Souza José Carlos Barreto Sodré Antônio Renildo Santana Souza SUPLENTES
	Aldemir Martins Couto Elizabete Ferreira Souz Antônio Alberto Silva Barbosa Itamar Jorge Marques Silveira Ivan Silva Haroldo Santana Rocha Gildásio de Santana
<u>CHAPA</u>	EFETTVOS Pedro Deraldo Santos Manoel Oliveira Amaral Noemia Calazans Portugal Liberalino
3	Bispo José Barbosa dos Santos Joselito Jesus de Assis José Lednidai de Matos SUPLENTES José Jorge dos Santos
	Humberto Augusto Silva Gilson Souza Lima Erivaldo Oliveira Santos Luiz Carlos de Jesus Roque Souza de Almeida

<u>ÚNICA</u>

CAS, MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DA CIDADE DO SALVADOR, de Freitas, São Francisco do Conde, Simões Filho e Feira de Santana

CONSELHO FISCAL	CONS. DA FEDERAÇÃO
EFETIVOS Orlando Francisco de Oliveira André Luz Gomes Eliezer Ferreira Varjão SUPLENTES Manoel Ventura dos Santos Salvador Marques de Araújo João Batista Sodré Pereira	EFETIVOS Delvirio Veloso dos Santos Jonaa Francisco de Souza SUPLENTES Jailton de Carvalho Ribeiro Marinalva Avelino Bezerra
EFETIVOS Luiz Alberto Ferreira Santos José Rodrigues Filho Rainalva Maria de Queiroz SUPLENTES Clemildes Daniel Nunes Almerindo Ferreira da Cruz Luiz Antônio de Souza Santiago	EFETIVOS Hamilton Gomes de Menezes Pascoal Carneiro SUPLENTES Aldemir Martins Couto Gilberto de Oliveira e Silva
EFETIVOS Antônio João de Souza Bahia Nilson da Silva Chagas Francisco Menezes da Silva SUPLENTES José Machado de Oliveira Erivaldo Viana dos Santos Joselito Neres de Melo	EFETIVOS Antônio Joio de Souza Bahia Pedro Deraldo Santos SUPLENTES Noemia Calazans Portugal Humberto Augusto Silva

Aos trabalhadores e ao povo

Realizaram-se, nas últimas semanas. eleicões para 0 Sindicato Metalúrgicos da Bahia. Após dezoito anos, os operários conseguiram retirar de sua entidade o interventor imposto em 1964. Num processo penoso, desvantajoso para os claramente trabalhadores, foi democrática-mente eleita a nova diretoria do sindicato. Isto foi possível graças à mobilização dos metalúrgicos e à ação preventiva da Justiça Federal.

Os resultados da eleição são incontestes, tendo os eleitos obtido votos na proporção de cinco por um. O processo eleitoral foi marcado por atitudes anti-sindicais e antidemocráticas do ex-interventor Manoel dos Santos. Suas práticas con-tinuistas revoltam toda a classe trabalhadora e, inclusive, a muitos mesários por ele indicado para o pleito.

Consideramos gravíssimo o episódio em que o Sr. Manoel dos Santos tentou furtar a uma citação da Justiça, pondo em risco a segurança pessoal de uma oficial de justiça, o que originou a ordem de prisão decretada pela Juiza Federal. Dra. Eliana Calmon.

Não obstante as irregularidades praticadas pelo presidente do sindicato, tais como retardamento de saida de urnas, conluios com prepostos de empresas , para não realização da coleta de votos e encerramento antecipado de votação, o Ministério Público, como de direito, proclamou eleita a chapa vencedora de número 2, Oposição Sindical Metalúrgica João dos Passos.

Pesa sobre a diretoria eleita a ameaça de ter oito de seus integrantes impedidos de posse, via impug-nação oferecida por um dos propostos do atual presidente e já acatada pelo Delegado Regional do

Trabalho, com bases falsas fornecidas pelo mesmo presidente.

Apesar do signatário do pedido de impugnação ter reconhecido a vitória da CHAPA - 2, e ter entrado com um requerimento retirando o pedido de impugnação.

Inconformado com atitude deste companheiro o Sr. Manoel dos Santos, deu entrada na Delegacia do Trabalho de um pedido de anulação do pleito com falsos argumentos.

Por isso, pesa ainda, o receio de que os patrões ou o mesmo Sr. Manoel dos Santos, promovam anulação do pleito, com base em fatos de que são eles os únicos responsáveis.

Diante desse quadro, as entidades abaixo posicionam-se:

- 1. Pelo reconhecimento da diretoria eleita, na sua totalidade como única representante dos metalúrgicos baianos na base de seu sindicato;
- 2. Pelo repúdio a quaisquer manobras com vista a frustar ou retardar a posse integral da dire toria eleita;
- 3. Pela reforma, pelo Sr. Delegado Regional do Trabalho, de sua de cisão quanto à impugnação dos oito candidatos:
- 4. Pela total estranheza à "entronização" do Sr. Manoel dos Santos como suplente de juiz classista no Tribunal Regional do Trabalho, quando o mesmo se encontra respondendo a inquérito na Polícia Federal, justamente por descumprimento de Ordem Judicial, e, por fim.
- 5. Pela mais ampla liberdade e autonomia sindicais. CONTATAR, OAB. SEEB, SIN-DIQUIMICA. SINERGIA. FETAG. SINPRO. SINDIPETRO. ELE-TRICITARIOS, STIEP, SINTEL, SENGE, SINDMUSICOS. ARQUITETOS, VETERINÁRIOS, AEABA, PSICO, SÓCIO, EN-FERM., MÉDICOS, AEBACEN, APLBA, APUB. VIGILANTES, JORNALISTAS.

cadernos do cepas

TRABALHOS JÁ PUBLICADOS:

- 1.O QUE É UM SINDICATO OPERÁRIO?
- 2. DUAS EXPERIÊNCIAS DOS SINDICATOS DOS METALÚRGICOS BAIANOS: OS CASOS CESMEL E AÇOS DO BRASIL
- 3. EQUIPETROL: A GREVE DE JUNHO DE 1983
- 4. 15 DIAS DE LUTA: DEPOIMENTO SOBRE A GREVE DA CARAIBA METAIS DE ABRIL/87
- 5. A OPOSIÇÃO SINDICAL METALÚRGICA DA BAHIA

CEPAS CENTRO DE ESTUDOS, PESQUISAS E ASSESSORIA SINDICAL CAIXA POSTAL 7003 41.831 SALVADOR BA